

ANNO XXXIV N 05-06 MAIO JUNHO 2017

# MARIÁPOLIS

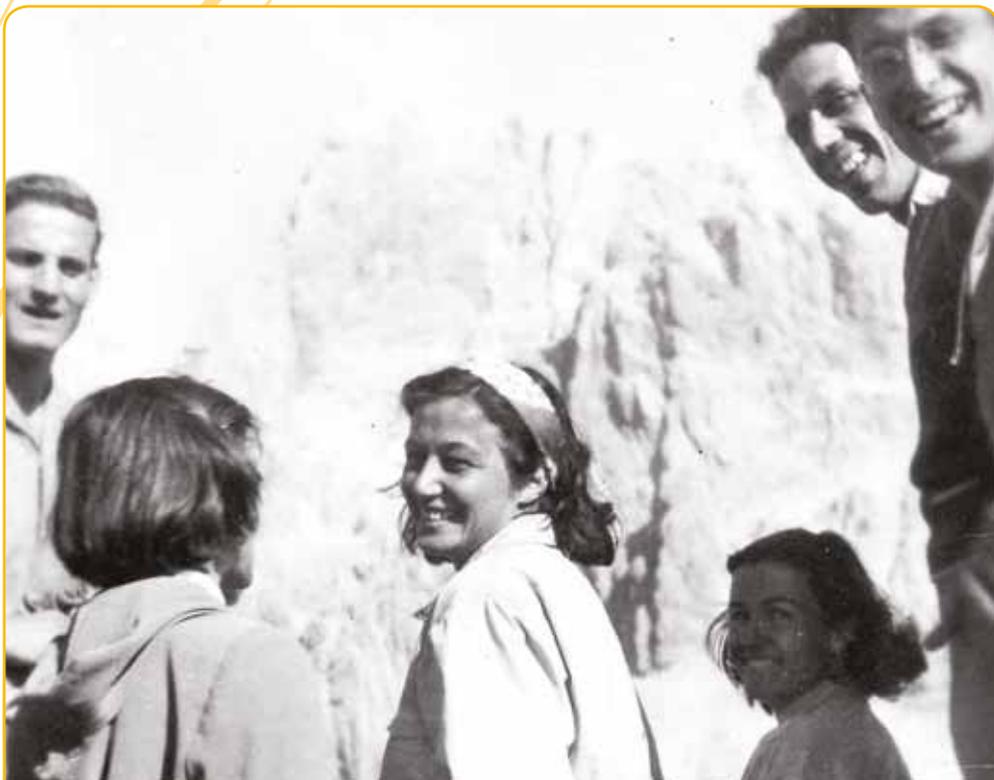
Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. GIPAV/PM/33/2012 | taxa perçue | tassa riscossa Roma

*Semana ecuménica*  
**Caminhando  
juntos  
acelera-se  
o passo**

**Malta**  
Uma ponte  
para fora  
da Europa

**Em viagem**  
Culturas milenares  
no hoje da  
Unidade



© CSC arquivo

## A pérola preciosa é a Sabedoria

«**A** pérola preciosa do Evangelho, para cuja aquisição é preciso vender tudo (cf. Mt 13, 45-46), é a Sabedoria. De facto, tem a Sabedoria quem vive Jesus Abandonado, isto é, quem já deu tudo e não se apoia em nenhuma segurança humana, mas só em Jesus Abandonado, porque até a presença de Deus nos pode faltar (ou, explicando melhor, até pode parecer que Deus nos abandona), mas Jesus Abandonado nunca nos abandona».

*Chiara Lubich*

(Estudo de Chiara Lubich, 14 de dezembro de 1949)

1920-2020

# «Aqui está a mão de Deus»

**Preparando a celebração do centenário de Chiara Lubich, este livro recapitula o relacionamento com o arcebispo de Trento, Carlo de Ferrari, fundamental na história da Obra de Maria**

No dia 1 de maio de 1947 o Movimento dos Focolares recebeu a primeira aprovação diocesana por parte do arcebispo de Trento, D. Carlo de Ferrari. A setenta e sete anos de distância desse passo fundamental do percurso de inserção desta nova realidade eclesial no corpo da Igreja, surge a publicação com o título *Qui c'è il dito di Dio* (Aqui está a mão de Deus), que faz parte da Colectânea Estudos e Documentos, promovida pelo Centro Chiara Lubich, editado por Città Nuova.

Baseando-se numa consistente pesquisa de fontes bibliográficas, na maioria não editadas, o texto ilustra pormenores significativos e desconhecidos da história da Obra de Maria, constituindo assim um novo ponto de referência para melhor a conhecer. Lucia Abignente traça o contexto histórico e o ambiente social e cultural em que Chiara Lubich vive, e os primeiros passos do Movimento, nas trágicas condições infligidas pela guerra. Na extraordinária troca de correspondência entre Chiara

e o Arcebispo de Trento, em que se inserem também o p. Tomasi, encarregado de seguir a Obra que estava a nascer, Igino Giordani e Pasquale Foresi, encontramos páginas de rara intensidade espiritual e de grande profundidade humana.

Os trechos publicados permitem entrar num contacto intenso e vivo em que a confiança adamantina de Chiara no «seu» Arcebispo, alicerçada na Palavra «Quem vos ouve, a Mim ouve» (Lc 10,16), se exprime numa comunhão filial constante e de confiança em todos os pormenores. Com um olhar aguçado e paternal, o Arcebispo reconhece imediatamente a essência daquilo que estava a acontecer na sua Diocese e afirma: «Aqui está a mão de Deus». Esta certeza, com que D. de Ferrari reconhece a ação da graça, permite-lhe acompanhar Chiara e o Movimento com sabedoria, perseverança e amor nos anos delicados e complicados do estudo, por parte da Igreja de Roma, até quase ter a aprovação pontifícia.

«Na perspetiva atual – escreve a autora – só temos que dar graças a Deus por aquele olhar fino e amplo do Arcebispo em reconhecer o trabalho de Deus, ao aprovar e abençoar, fazendo com que se revelasse a fecundidade do carisma, graças à sua eclesialidade».

**Chiara Lubich e Carlo de Ferrari**  
**IL DISCERNIMENTO DI UN CARISMA**  
Presentazione del libro di Lucia Abignente  
Città Nuova (in coedizione con il Centro Chiara Lubich), Roma 2017

che si terrà venerdì 9 giugno 2017 alle ore 16.30 a Trento  
Aula grande della Fondazione Bruno Kessler - Via S. Croce, 77 - con il seguente programma:

ore 16.30 Saluto di **Marcello Bonazza** Società di Studi Trentini di Scienze Storiche  
Introduce e presiede: **Emanuele Curzel** Università degli Studi di Trento  
Intervengono: **Paolo Marangon** Università degli Studi di Trento - **Maria Pedrini** Centro Studi Adickiana  
**Severino Vareschi** Studio Teologico Accademico di Trento - **Maurizio Gentilini** Consiglio Nazionale delle Ricerche  
Lettura di testi: **Maria Bertolini** - **Augusto Faggioli** ore 19.00 Conclusione

INFO: Società di Studi Trentini di Scienze Storiche | Tel. 0461 314208 | segreteria@studiotrentini.it | www.studiotrentini.it

Em Trento, no dia 9 de junho, a apresentação do livro, na preparação das celebrações do centenário de Chiara Lubich 1920-2020

Alba Sgariglia,  
João Manoel Motta

# 59ª Semana ecuménica

## Caminhando juntos

700 Cristãos de 69 Igrejas e Comunidades eclesiais, de 42 Países

«O Movimento dos Focolares promove espaços nos quais o Espírito Santo tem a possibilidade de atuar e que são uma ocasião para os cristãos ocasião se encontrarem». Foi com esta frase que o bispo emérito luterano, Christian Krause, presidente da Federação luterana mundial, expressou a experiência da 59ª Semana ecuménica. Um evento realizado no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, de 9 a 13 maio, e Maria Voce, numa extensa entrevista concedida aos jornalistas, explica o motivo do acontecimento: «O ecumenismo

serve para construir e aumentar a unidade entre os corações e portanto está ao serviço da paz. É muito útil para a paz. E, se os cristãos se apresentarem unidos, conseguem incidir muito mais. Se eles estiverem unidos contribuirão para que se realizem aqueles passos indispensáveis para a concretização da paz».

**Este encontro está a ser preparado há dois anos pelo Centro «Uno»** para a unidade dos cristãos (que foi fundado em 1961, por Chiara Lubich, ainda antes do Concílio Vaticano II). Oito focolarinas e focolarinos, de várias Igrejas, foram os animadores e moderadores. O tema escolhido: «Caminhando juntos, cristãos em direção à unidade».

Em cada dia foi oferecida uma frase das Escrituras para ser vivida e os momentos destinados a aprofundar o carisma da unidade, através das meditações de Chiara centradas em Jesus



O Metropolita Gennadios Zervos, do Patriarcado ecuménico, com Maria Voce. Aos lados, Maria Wienken e Diego Goller, do Centro «Uno»

crucificado e Abandonado, facilitaram o intercâmbio das experiências, a escuta profunda, e a comunhão das riquezas espirituais entre os participantes.

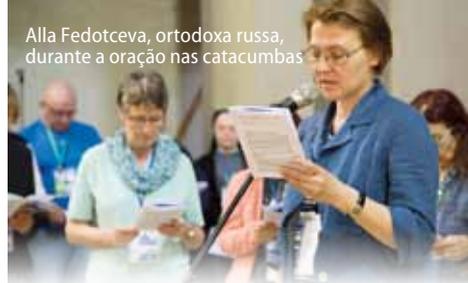
Durante as várias celebrações eucarísticas, o sofrimento de ainda não ser possível celebrar juntos tornava ainda mais intensa a súplica da unidade. Um dos participantes, do Egipto, afirmou: «Aqui experimentamos o que é viver no Reino dos Céus. Entre as nossas Igrejas ainda existem dificuldades teológicas, mas o amor recíproco entre cristãos de 69 Igrejas fez com que descobríssemos os nossos alicerces comuns, Cristo Crucificado e Ressuscitado». Uma senhora Irlandesa disse: «A realidade que vivemos é que, devido ao batismo, somos o corpo místico de Cristo, como a Igreja una».

**O coro formado** pelos jovens ortodoxos do Patriarcado romeno, guiado pelo decano da Faculdade de teologia ortodoxa de Cluj, o professor Vasile Stanciu, o coro ecuménico da Hungria e outras contribuições artísticas, deram solenidade ao desenvolvimento do encontro.

A «Semana ecuménica 2017» foi uma oportunidade para oferecer, enquanto Movimento dos Focolares, um contributo para o caminho em direção à unidade, neste ano em que se celebram os 500 anos da Reforma.



Jesus Morán com Annette Gerlach, focolarina evangélica



O bispo emérito luterano C. Krause com o bispo católico B. Farrell

Recebemos mensagens de saudações do Patriarca Bartolomeo I, do secretário-geral do Conselho ecuménico das Igrejas, o reverendo Olav Fykse Tveit, e do presidente do Conselho Pontifício para a unidade dos cristãos, o cardeal Kurt Koch.

**O Metropolita Gennadios Zervos (do Patriarcado ecuménico de Itália e Malta),** expressou um reconhecimento do carisma da unidade a nível institucional, ao recordar os 50 anos desde o primeiro encontro entre Chiara Lubich e o Patriarca Athenagoras. O Metropolita, num magistral discurso, descreveu Chiara e Atenágoras como duas figuras que «transformaram a situação e o ambiente entre as duas Igrejas, a ortodoxa e a católica romana», «protagonistas e geradores de uma nova era ecuménica». Depois entregou à Emmaus uma medalha, como sinal de gratidão por aquilo que «fez o Carisma de amor e unidade de Chiara, e continua ainda hoje a fazer na História, para abrir caminhos de reconciliação e diálogo entre as Igrejas e no Mundo».

**«Pensar na Igreja como comunhão (koinonia) é ver inseparáveis a eclesiologia e a**

incremento da unidade dos cristãos. Nela, prossegue o bispo, «a espiritualidade de comunhão, incluindo a comunhão com os que não pertencem à mesma Igreja, cresceu, não como uma teoria, mas através da experiência verdadeira e viva do amor evangélico sem limites».

**O professor Martin Robra, do Conselho ecuménico das Igrejas proporcionou** um momento para aprofundar a temática principal da semana ecuménica, que foi substancial. Ele, partindo da sua impressionante experiência pessoal em contacto com Chiara, disse: «Jesus Abandonado não é uma doutrina ou um conceito teológico. Jesus Abandonado está relacionado com experiências e intuições desconcertantes e ao mesmo tempo iluminantes». «É aqui, em Jesus Abandonado – continua ele – que a união com Deus e com as nossas irmãs e irmãos se torna realidade. Jesus Abandonado presente entre nós é o vínculo de amor que une a Deus e a todos nós».

**Na Praça de S. Pedro, quarta-feira.** Alguns dos participantes tiveram a possibilidade de saudar pessoalmente o bispo de Roma. O Papa Francisco dirigiu palavras de encorajamento «a



Uma religiosa armeno-apostólica

espiritualidade. Chiara foi uma grande mestra nisto», sublinhou o bispo Brian Farrell, secretário do Conselho Pontifício para o





## Semana Mundo Unido

# Transformar o coração para mudar o mundo

**Jovens e adolescentes, juntamente com adultos e comunidades locais, trabalham em mais de 100 iniciativas, testemunho de um caminho de unidade já em ação**

continuar o caminho comum em direção à unidade». A oração feita nas catacumbas de S. Sebastião, em Roma, lugar dos primeiros cristãos e de mártires, com o Pacto de amor recíproco feito em conjunto, foi por alguns definido como «o ponto culminante»: perdoar e sarar as feridas do passado, para levar «às nossas comunidades, Países e às nossas sociedades este testemunho vivido entre nós».

«**Aconteceu aqui alguma coisa**, disse Jesus Morán, quando se referiu a esta Semana. Vi concretizada aquela “catholicidade ecuménica” de que fala o cardeal W. Kasper. Foi um redescobrir a força do Carisma, realidade que temos que passar à Obra toda».

A Emmaus, citando ainda a sua entrevista: «construímos muito juntos. Agora temos que acelerar o passo para que a comunhão seja total e visível. Temos que seguir em frente».

*Maria Wienken, Diego Goller, Lesley Ellison*

Nas catacumbas de São Sebastião



Uma rede que se estende pelo mundo, que estreita laços, reforça vínculos e cria outros novos, que une pedaços de fios já tecidos. É talvez a imagem que expressa melhor a Semana Mundo Unido 2017 (SMU). É um evento anual, promovido pelos jovens e adolescentes dos Focolares, que envolve toda a Obra. Um dos objetivos desta Semana é mostrar uma rede de realizações no mundo, onde a fraternidade já é concreta ou está a caminho de se realizar.

Do dia 1 ao dia 7 de maio, realizaram-se este ano 110 eventos em localidades dos cinco continentes. Iniciou no dia 1, com um encontro em Loppiano, com mais de 3500 jovens (ver [www.focolare.org](http://www.focolare.org)) e concluiu no domingo, dia 7, com a estafeta mundial Run4unity, 24 horas de desporto pela paz, dos jovens para a unidade. Decidiu-se este ano que a Semana Mundo Unido tivesse um título único, para fazer com que se formasse uma única grande rede entre todos os eventos («muda o teu coração, muda o mundo») e lançar um único *hashtag* para difundir nos media (#4peace), e plataformas comuns para dar as notícias.

«**Formar rede**» e «**sentir-se uma rede**» foram os elementos chave desta edição. «Formar rede» primeiro entre as várias gerações. Em diversos Países foram os gen2 que promoveram e apoiaram as iniciativas da estafeta





Líbano

Run4unity. Em Penang (Malásia) um pequeno grupo de jovens, ajudados pelos seus amigos, colegas e organizações locais, organizou uma caminhada de oito quilómetros pela paz, onde participaram 1.300 pessoas de todas as idades, de muitas etnias, culturas e religiões: muçulmanos, hindus, budistas, sikhs, cristãos. Estiveram presentes o Primeiro-ministro de Penang, Lim Guan Eng, e outras autoridades civis e religiosas.



Japão

facto existe nesta cidade uma fábrica de produtos bélicos.

No programa desta iniciativa foi feita também a difusão dos locais que optaram por não ter produtos afins aos jogos de sorte. Outra característica de muitos dos eventos foi «formar rede» no terreno, com entidades, associações, organizações, tanto desportivas como outras, que trabalham com os adolescentes e jovens ou que se dediquem, em primeira fila, a construir a unidade a nível ecuménico e inter-religioso.

Em Buenos Aires (Argentina) estava uma centena (hebreus, muçulmanos, budistas, cristãos e pessoas

que não reconhecem ter um credo religioso) a participar na «Caminhada pela paz», que passou por vários locais de culto, onde, em cada um desses locais, os representantes das várias religiões estimularam todos a aderir à trajetória da unidade que existe já. «Continuar a trabalhar unidos para um mundo de esperança, amor e solidariedade, tendo como horizonte a paz».

**A rede mundial foi reforçada** ao unir-se a outras redes que têm os mesmos objetivos. Entre elas, as 83 escolas que em todo o mundo aderem ao projeto de educação para a paz «Living Peace International», que participaram em 22 dos eventos do Run4unity.

O facto de «Sentir-se em rede» fez com que as pequenas ou as grandes ações adquirissem idêntico valor. Em todo o mundo houve muita



Guatemala

**Muitos dos eventos nasceram** da colaboração entre adultos, jovens e adolescentes, envolvendo comunidades inteiras, que mostraram os passos de fraternidade já realizados, tanto a nível local como nacional. Em Iglesias (Itália), a Humanidade Nova com os Jovens para a unidade, em colaboração com uma rede de associações, organizou uma jornada de sensibilização ao desarmamento «Run for Unity – Paz ... falemos disso». Esta iniciativa estava ligada à campanha contra a venda de armamentos a Países em guerra, que se faz a nível nacional. De



Congo



Índia

gente que teve a possibilidade de sentir que faz parte de uma ação mundial, mesmo sendo localmente poucos. Todos puderam «participar» até em atividades que se desenvolveram a centenas de quilômetros de distância.

No Pacífico, onde parece que sopram ventos de guerra, um grupo do Japão telefonou aos seus coetâneos da Coreia e escreveram: «Corramos juntamente com a Coreia, de mãos dadas, e façamos com que se veja que a unidade na Ásia é possível»; cinquenta adolescentes de Mexicali (México) e cinquenta de Calexico (USA) fizeram contemporaneamente uma corrida de um lado e do outro do muro, que delimita as fronteiras entre os dois Países, e disseram: «um muro divide-nos, mas estamos juntos a construir um mundo unido». Em Nova Caledónia, onde existem rivalidades na tribo Saint-Louis, os jovens decidiram corajosamente organizar, precisamente ali, a estafeta Run4Unity, para levar um vento de paz.

**Até a web ajudou a «formar rede».** A difusão das notícias, tanto da preparação como dos eventos, através de breves apresentações e transmissões na rádio e publicadas pela Internet em três línguas, foi elaborada pela equipe de comunicação do Centro, formada pelas Secretarias dos Jovens para o Mundo Unido e dos Jovens para a unidade.



México

## Genfest 2018

Durante a Semana mundo unido lançou-se oficialmente o próximo Genfest, programado para Manila, de 6 a 8 julho de 2018. Objetivo: confirmar que a fraternidade universal é um ideal pelo qual vale a pena viver, um projeto em que já trabalham muitos jovens, uma meta a alcançar também ultrapassando as dificuldades e barreiras, como afirma o título: PARA ALÉM DE TODAS AS FRONTEIRAS.

Em outubro de 2017 abrem-se as inscrições, mas já se pode escrever para o correio: [info@y4uw.org](mailto:info@y4uw.org) para participar na manifestação.

Para informações consultar [www.y4uw.org/genfest](http://www.y4uw.org/genfest) e os espaços: [www.facebook.com/genfest](https://www.facebook.com/genfest) - [twitter.com/genfest\\_en](https://twitter.com/genfest_en)

- [www.instagram.com/genfest.official](https://www.instagram.com/genfest.official) - [www.flickr.com/photos/y4uw\\_official](https://www.flickr.com/photos/y4uw_official).



O logo pode ser resumido numa só palavra: essencialidade.

Num mundo com excessiva informação, pretende-se valorizar a simplicidade e a força que cada palavra oferece ao mundo.

Portanto só palavras, e como único sinal, uma linha clara e precisa, sem um final que sublinhe o título. Para dar relevo às coisas essenciais: ir para além dos confins, ir até todos os outros, alcançar a fraternidade universal.

Os Site United World Project ([unitedworldproject.org](http://unitedworldproject.org)), Run4unity ([www.run4unity.net](http://www.run4unity.net)) e os espaços nos meios dedicados aos eventos, publicaram em tempo real atualizações e fotos do mundo inteiro.

A «Radio Imaginária», que é uma Radio web da Europa, feita por adolescentes para os adolescentes, impressionada pela originalidade desta iniciativa, dedicou-lhe uma hora de programação para uma maratona radiofónica a favor da paz.

*Annalisa Innocenti  
com os centros internacionais de RpU e JMU*



Segundo, da direita, é Vincenzo Zani, secretário da congregação para a educação católica

## Consulta a especialistas O desafio da Emmaus

«Como é possível que não incidamos mais?»

*Em abril, durante os dias 6 e 7, uns oitenta especialistas de diferentes disciplinas reuniram-se no Centro internacional dos Focolares para, como já se faz há alguns anos, abordar determinados e importantes temas culturais da atualidade.*

*Um espaço de reflexão, um confrontar-se entre especialistas de vários continentes, promovido pelas revistas Gens, Unidade e Carismas, e Nova Humanidade.*

*Desta vez, em vista do próximo Sínodo dos Bispos sobre as novas gerações (ver o artigo em [www.focolare.org](http://www.focolare.org)) a reflexão foi sobre os carismas e a evangelização da cultura, a interculturalidade.*

*A Emmaus, dando início aos trabalhos, na sua calorosa saudação, confiou uma pergunta que tinha no seu coração: um desafio que lançou aos participantes assim como a toda a Obra no mundo.*

«Durante a Missa desta manhã eu pedi que o trabalho do vosso «grupo de reflexão» se realizasse à luz da Sabedoria, por isso pedi ao Espírito Santo que vos assistisse de maneira especial. Em certa medida pensei desafiar-vos com uma pergunta que afluía na minha alma: como é possível que não tenhamos maior incidência? Como



é possível, com todo o bem que há na Obra?

Um representante da UNICEF disse ontem: «Afim só o Papa é que fala de paz». Então pensei: e nós, o que é que fazemos? Nós também falamos de uma cultura de paz, de uma cultura de ressurreição, de uma cultura do Ressuscitado. Fazemos também ações de paz... Tenho a impressão de que não incidimos porque esta cultura ainda não despontou. Porque o bem existe, as ações existem, há a vida em todas as partes, é visível, mas não consegue incidir o suficiente, não consegue passar às instâncias que realmente

podem provocar algo diferente.

Este representante da UNICEF dizia justamente que não se trata de estar do lado de uns ou do lado de outros, mas de reconhecer que

todos somos culpáveis. Culpáveis porque há guerras que não têm solução, violências que não se conseguem superar. Não somos capazes de colocar, em vez do ódio, o amor, em vez da violência a mansidão, em vez da guerra a paz.

É verdade que amamos Jesus Abandonado em todas estas situações dolorosas, que temos a sorte de encontrar Deus onde não há paz, mas, como sempre Chiara nos disse, Jesus Abandonado deve ser uma passagem. Devemos chegar à ressurreição!

A questão é encontrar o percurso. Talvez só Jesus no meio nos possa oferecer esse caminho, só esta cultura que nasce da Sabedoria. Portanto um desafio, um desejo, uma oração: tudo isto por vós».

a redação



# Recordando Foco Igino e Mya

**Neste ano rico de eventos dedicados à família, um retrato do relacionamento entre Igino Giordani e a sua esposa, Mya Salvati**



futuro da família. Igino provinha de uma família humilde, Mya era oriunda de uma família burguesa, mas como tinha perdido os pais muito cedo, encontrava-se no meio de muitas dificuldades. Talvez por isso, o seu modo de enfrentar os problemas económicos fosse tão diferente: Igino vivia estas situações com pouca ansiedade, enquanto que Mya desejava recuperar o estilo de vida a que tinha renunciado desde

Sabemos muitas coisas da vida de Foco. No âmbito profissional, foi um grande jornalista, um escritor interessante, um político original. No Movimento dos Focolares foi co-fundador, o primeiro focolarino casado, aquele que acompanhou Chiara Lubich nos primeiros anos da Obra que estava a nascer.

Da sua vida conjugal, pelo contrário, sabemos muito pouco. Porquê? Não há nenhum segredo a esconder. Simplesmente, como a sua esposa Mya não fazia parte do Movimento dos Focolares, as fontes nas quais nos podemos basear, são aquilo que os próprios protagonistas publicaram, sobretudo Igino e os seus filhos Mario e Sergio.

Os relatos dizem-nos que o relacionamento entre Igino e Mya foi harmonioso e espontâneo. Casaram-se ainda jovens, tendo poucos meios materiais para construir o

pequena. Por isso, ela foi sempre muito sensível ao bem-estar familiar: não compreendia a total gratuidade com que Igino se dedicava às causas da Igreja e das Ordens religiosas. Aliás, estava-se na primeira metade do século XX e o papel dos leigos na Igreja era marginal. A Mya não compreendia porque razão tinha de ser sempre Igino a resolver os problemas, dirigir revistas, escrever artigos, ensinar nas escolas católicas.

Sucedia o mesmo na política. A coerência de Igino, impermeável a qualquer compromisso, sobretudo sob o regime fascista, mas não só, levou-o a perder o emprego, ou a renunciar à carreira, ou a viver sob o controlo da polícia, etc. O facto é que, aos olhos de Mya, os sucessos de Igino na vida pública e na Igreja nem sempre se traduziam em oportunidades económicas para a família que, entretanto, tinha

crescido, enriquecendo-se de quatro filhos (Mario, Sergio, Brando e Bonizza). As restrições vividas durante a Segunda Guerra Mundial, com alguns problemas graves de saúde, que atingiram alguns dos filhos e as separações frequentes de Iginio, devido aos problemas políticos, criaram incompreensões entre Iginio e Mya, que foram aumentando com o avançar da idade. Por outro lado, Iginio estava sempre à procura de uma vida religiosa capaz de responder à exigência que sentia de ser um cristão totalitário, mesmo se era casado - e isto, muito antes do Concílio Vaticano II, era uma novidade tão grande que não era compreendida facilmente, nem sequer pela sua esposa. De facto, ela viu como é que Iginio trabalhou para a fundação das *Filhas da Igreja*, juntamente com a madre Oliva Bonaldo e, depois, como entrou no Movimento dos Focolares, sem conseguir explicá-lo. No seu entender, era tempo e amor retirado à família, ainda que Iginio lhe explicasse que, se o amor é como um fogo, precisa de ser alimentado, constantemente, para arder e, por isso, o amor aumenta sempre e nunca diminui. Quando a saúde de Mya foi abalada

psicologicamente, devido a algumas mortes súbitas na sua família de origem e pelas escolhas corajosas feitas por um dos filhos, Iginio permaneceu ao seu lado com amor, apesar do temperamento de Mya, que o punha à prova. A história deles conclui-se com a sublimação do seu relacionamento numa cama de hospital, numa clínica romana.

Foco escreve: “Confessou-me o amor que nutria por mim: nunca ninguém a tinha amado com um amor igual ao meu. E confiava em mim para regressar a casa, que era o seu maior desejo. Não só: mas sob os sofrimentos físicos, entre as injeções e as várias terapias, começou a receber a Comunhão todos os dias. E, mesmo nos momentos mais atroz, via-se que pensava em Deus. (...) No dia 1 de Maio de 1974, ela morreu na sua cama, em casa, em paz. (...) O meu penar concluía-se com uma confiança suave que ela estivesse no Paraíso. Tinha sido heróica, pura, boa, uma mãe exemplar”<sup>1</sup>.

Alberto Lo Presti

1 Iginio Giordani, *La famiglia ricordi e pensieri*, Città Nuova, Roma 1994

**Tito Stagno, um jornalista famoso da RAI**, amigo e colega do filho Brando, num artigo publicado no *Eco di Bergamo*, em janeiro de 1995, com algumas pinceladas sapientes, faz-nos penetrar, não só no personagem Giordani, mas também na sua família: “Nas últimas instantâneas memórias está Iginio, dulcíssimo marido e pai: aquelas bofetadinhas rápidas e leves – tive a sorte de receber uma – a Ildebrando (“Brando, por motivos de espaço”); as olhadelas divertidas a Sergio (...); os olhares à esposa, Mya (...) cheios de amor, e também de uma admiração quase infantil, porque esta esposa “linda, cheia de alegria, enamorada pela música, uma explosão de vitalidade, de voz

soprano ligeiro, lindíssima”, encantava-o.

Era, realmente, uma explosão de vitalidade a senhora Mya Giordani. Quando a encontrava – o que acontecia, geralmente, nas lojas do nosso bairro – eu, profissional da notícia e da palavra, acabava por ser, regularmente, varrido por aquela torrente. Mas como é que um professor poderia parar uma tal exuberância e uma energia tão incontrolável? Com o amor, só com o amor.

Nunca – confessa Mya ao marido, antes de morrer – ninguém a tinha amado com um amor igual ao seu”.

Retirado de: <http://www.iginogiordani.info/it/iginio-giordani/dicono-di-lui/600-la-saggezza-infinita-del-professore-ingenuo.html>

Malta

# Uma ponte para fora da Europa

**Em simultâneo com a abertura da Semana Mundo Unido, em Malta, a comunidade dos focolares recebeu a visita de Maria Voce.**

Foi uma visita completa, com momentos preciosos de diálogo com a comunidade e, igualmente, fortes, “em saída” em direção à Igreja e à sociedade civil.

A diocese de Malta convidou a Presidente do Movimento dos Focolares, através da sua Comissão ecuménica, para o 40º aniversário da fundação da mesma. Calhou exatamente no período em que o pequeno estado insular ocupa a presidência do Conselho da Europa e, simultaneamente, está em plena campanha eleitoral.

“A sua visita – escrevem-nos de Malta – aconteceu num momento de apreensão pela situação política do país, exatamente quando se anunciavam as eleições antecipadas. Na preparação, tínhamos percorrido um caminho de participação que envolveu muitos de nós, ajudando-nos a interagir com amor e franqueza, partilhando dificuldades, pontos de vista, sensibilidades e exigências diferentes. Assim, quando a Emmaus chegou, estávamos prontos para nos “deixarmos surpreender pelo que Deus fizesse” - como nos disse, desde logo, no santuário dedicado a Nossa Senhora de Mellieha, o mais antigo da ilha: “ não poderíamos começar se não na casa da nossa Mãe, da nossa Rainha, da única que pode dar Jesus, que pode fazer com que Jesus Ressuscitado caminhe, verdadeiramente, connosco”.

2 de Maio de 2017. II Seminário de “Comunhão e Direito”



Em cada realidade da Obra com que se encontrou, a Emmaus captou a sua beleza e potência, oferecendo a palavra-chave para poder avançar. Aos focolarinos e às focolarinas: gerar a Obra, não ter medo de sair para oferecer e comunicar a nossa vida, também com a palavra; aos sacerdotes: viver pela Igreja, que vive pela humanidade; às e aos voluntários: estar abertos à humanidade; aos jovens: a esperança; à comunidade: ser “baluarte” – que é defesa, mas também abertura – da Europa. Ser uma ponte também para fora da Europa”.



4 de Maio de 2017. Mário Falzon, a Presidente Marie-Louise Coleiro Preca, Maria Voce, Marisa Calleja, no Palácio presidencial

## Três eventos públicos de relevo

**No dia 2 de maio, no Palácio Presidencial,** o Seminário de “Comunhão e Direito”, sob o título “O direito como instrumento de integração numa sociedade multicultural”, aberto pela Presidente da República, Marie-Louise Coleiro Preca. Estavam presentes cerca de 70 pessoas qualificadas, pertencentes a organizações empenhadas na assistência aos migrantes e experientes no âmbito da educação e da justiça. Naquele mesmo local, dois dias depois, a Emmaus com Marisa Calleja, Mario Falzon e alguns representantes da comunidade,



5 de Maio de 2017. O arcebispo Charles Scicluna com Maria Voce

dão a conhecer à Presidente as várias expressões e atividades do Movimento dos Focolares, em Malta.

**No dia 5 de maio, o segundo evento,** na celebração do quadragésimo aniversário da Comissão diocesana ecuménica, com o arcebispo de Malta, D. Charles Scicluna. A “Declaração de Ottmaring” foi apresentada aos 300 participantes malteses com o seguinte objetivo: ajudar a pensar ecumenicamente. “O ecumenismo é uma necessidade dos tempos, deve avançar porque responde à necessidade que todos têm de Deus, ainda que inconscientemente. Só se os cristãos estiverem unidos, é que o mundo poderá encontrar Deus. Doutra forma, cometemos uma grave omissão”.

“Fica aqui connosco”, foram as palavras com que o Arcebispo de Malta se dirigiu à Emmaus, pronunciadas com *humor*, mas também com muito afeto.

**E o último evento, no dia 7 de maio,** no Fórum “Rumo a uma Europa da Esperança, da Conciliação e Hospitalidade” que o Centro Schuman para os Estudos Europeus realiza todos os anos na nação da presidência, com o objetivo de promover um diálogo inspirado na visão fundadora de Robert Schuman. É uma ocasião para confirmar as raízes cristãs da Europa.

## Uma vocação reencontrada

A Emmaus, numa entrevista transmitida a 12 de Maio, respondendo a uma pergunta sobre qual é a coisa mais importante que os cristãos devem fazer para restituir uma alma espiritual à Europa, faz referência à sua viagem, dizendo: “Parecia-me que Malta tivesse que ser o baluarte da Europa, porque não perdeu completamente os valores ... aqueles valores que o cristianismo trouxe à Europa”, isto é, a noção de pessoa, os direitos humanos, os valores da democracia, a liberdade do indivíduo, a sociabilidade, ser formada por muitos povos e aprender a conviver... valores que a Europa está a perder, com o regresso aos nacionalismos, aos muros, às fronteiras. Mas “se existe um lugar onde estes valores ainda são respeitados, é mesmo preciso defendê-lo” como uma possibilidade de restituir a sua essência à Europa.



“A Emmaus – dizem-nos de Malta – fez-nos olhar para a nossa nação com olhos novos, fez-nos redescobrir a vocação de Malta e sentimo-nos como num oásis, com coragem e entusiasmo para viver o testamento de Jesus, “Que todos sejam um”. Sentimo-nos no coração da Obra, de onde procuramos ser, juntos, testemunhas concretas do infinito amor do Pai. Para compreender, na comunhão com a zona da Europa Ocidental e a Grande Zona, como poderemos ser “baluarte” para a Europa”.

*Ao cuidado da redação*

Em [www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli)  
Todas as etapas da viagem a Malta

## Viagem ao Sudeste asiático

# Os Alicerces

**A viagem de Agnes van Zeeland e de Flávio Roveré - responsáveis centrais pelas focolarinas e pelos focolarinos, respetivamente - à Tailândia, Myanmar, Indonésia e Vietname**

Milhares de quilómetros percorridos, muitas horas de voo, mais de sete horas de diferença de fuso horário, muitas línguas pouco conhecidas no mundo ocidental. Culturas milenares ricas de valores, essencialidade das coisas, religiosidade viva nas suas várias expressões e convivência harmoniosa entre diferentes credos. A natureza ainda mais bonita do que aquilo que se conhece, exuberante nos seus frutos, flores, mares e colinas... envolvidas por um clima bem quente!

Esta é, um pouco, a panorâmica da nossa viagem na zona do Sudeste asiático: Tailândia, Myanmar, Indonésia e Vietname, de 23 de março a 8 de maio de 2017, o ano 2560 no calendário budista.

**Deslocámo-nos lá** com o desejo de conhecer de perto a realidade onde estão imersos as focolarinas e os focolarinos, de dividir a sua vida quotidiana, conhecer os desafios com que se deparam dia após dia, as dificuldades concretas, as suas condições de vida. E, também, para descobrir e aprender as novidades que se manifestam

ao transmitir o Carisma, as pedras fundamentais para o "Ut omnes", que só eles podem colocar. Foi uma dádiva enorme e um grande enriquecimento para cada um de nós. Conosco estavam, também, Tecris Noronha e Alberto Kim, do Centro Foco e Casa Vita, e, por um período curto, Adriana e Salvator Lamagna, focolarinos casados, e Irma Del Valle Sosa. Os dois responsáveis da Zona, Veronika Semmier e Glauco Venuti, fizeram toda a viagem conosco.

**O programa começou**, na Tailândia, para as focolarinas, com uma Escola para as Responsáveis de focolar e para as Delegadas de Zona de toda a Ásia: dias de comunhão profunda, de actualização sobre a vida da Obra no Centro e no mundo, de formação e de diálogo entre as gerações.

A seguir, o tão esperado retiro anual para as focolarinas e para os focolarinos de toda a Zona, 80 entre todos. Vivemos a mesma sacralidade que se cria por todo o lado pela forte presença de Chiara, potenciada pela solenidade característica da Ásia. O nosso "sim" a Jesus Abandonado e a centralidade do focolar, tiveram uma forte ressonância na alma de cada um. E não podia faltar a festa, para celebrar, com canções e danças de todos os lugares, a presença de Jesus no Meio.

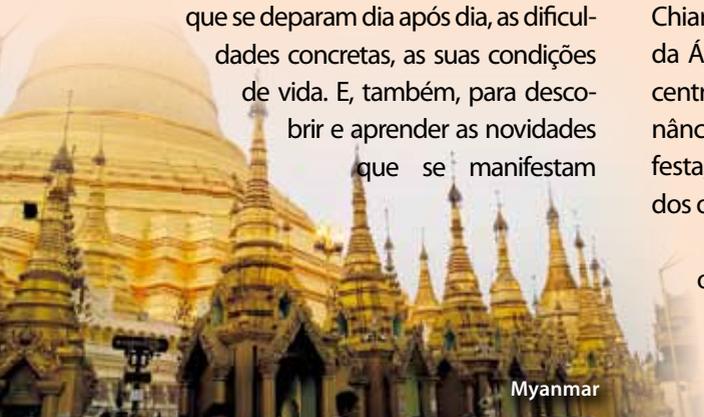
**Nas várias etapas**, foram importantes as oportunidades de conhecer as comunidades locais, muito diferentes, dentro do mesmo País, descobrir as suas atividades e as obras sociais. A presença dos jovens, a vivacidade da Obra, ainda em formação e expansão, em muitos locais, foram ocasiões para nos



Na Indonésia



Veronika Semmier e Glauco Venuti



Myanmar



No retiro, na Tailândia

ajudar a compreender, juntos, onde é mais necessária a presença do focolar.

**Enquanto a Agnes e a Tecris** continuavam a sua visita ao Focolar feminino de Medan, o Flávio e o Alberto, por sua vez, fizeram um encontro para jovens e casados, interessados em conhecer a vida de focolar, na Malásia. Não faltaram momentos de alegria em família, como a inauguração da nova casa do focolar masculino em Yogyakarta, com a presença de cerca de 170 pessoas da comunidade, vizinhos, amigos, entre os quais, também, muçulmanos. Enriquecedoras foram, também, as visitas ao bispo Francis Xavier Vira Arpondratana, de Chiang Mai, e ao cardeal da Tailândia, Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij.

**A visita aos lindíssimos monumentos**, na sua maioria religiosos, muito importantes para o povo e construídos muitas vezes com donativos e ofertas das pessoas; as deslocações com os transportes públicos, utilizados por todos; a simplicidade dos focolares, muito próximos das comunidades onde estão inseridos; pertencer a uma minoria religiosa, com todos os desafios que isso comporta... era como abrir um leque e conhecer, pelo menos um pouco, as culturas daqueles povos, ver realmente como vivem as focolarinas e os focolarinos nestas situações. E o mais bonito foi encontrá-los felizes por estarem onde estão, por corresponderem à graça de Deus para poderem levar o Ideal até aos confins da Terra.

**Ao partirmos, sentíamos uma grande alegria** e gratidão pela presença do Centro entre eles e ficava a certeza em todos que caminhamos juntos, em qualquer latitude em que nos encontremos.

*Agnes van Zeeland, Flávio Roveré*

## América Latina e Caraíbas

# Raizes milenares no hoje da Unidade

**Uma viagem de mais de dois meses  
para estar com as comunidades  
do Extremo Sul e da Zona Andina**

É realmente difícil resumir num breve espaço a enorme riqueza de vida que se experimentou ao vivo nesta viagem de mais de dois meses (13 de março -15 de maio), com etapas no Chile, Uruguai, Argentina, (com uma «saltada» também na Mariápolis Lia), Bolívia, Equador, Perú, as nações que compõem duas importantes Zonas latino-americanas: o Extremo Sul e a Zona Andina. Pusémo-nos em viagem com a alma à escuta e com o desejo recíproco de partilhar o caminho dos últimos três anos na direção da nova configuração. Em cada uma das diversas etapas, foram mesmo as comunidades a tornar-nos participantes, no seu modo mais característico - a comunhão e a festa - do seu percurso, generoso e iluminado, no querer adequar a Obra cada vez mais ao desígnio que Deus tem sobre ela.

Para dar uma ideia do que aconteceu, falamos, desta vez, só de duas realidades: a Zona Andina e o encontro com os e as delegadas de Zona da Grande Zona. Mas, em cada uma das diversas etapas, vivemos momentos muito especiais, como, por exemplo, no Chile, onde

Com a comunidade afro-equatoriana de Esmeraldas





Bolívia

se celebrou o 50º aniversário da chegada dos Focolares, com a comunidade e o arcebispo de Santiago, card. Ricardo Ezzati.

### Zona Andina

Na semana (14-21 de abril) decorrida em Cochabamba, Bolívia, houve um suceder-se de encontros com jovens, famílias, voluntárias e voluntários, responsáveis das diversas comunidades e Conselhos de Zoneta. Os sons e as cores da festa, na qual se percorreu a história do Movimento neste maravilhoso País, exprimiam a alegria das suas diversas etnias, chamadas a compôr uma única família. Dali partimos para os arredores de Arequipa, o berço do Ideal no Perú, para depois irmos para Quito, no Equador (25 abril - 1 maio), onde nos esperava um povo cheio de vitalidade. Foi interessante a visita ao Centro Mariápolis Concórdia, para depois descer sobre a costa e encontrar a vivíssima comunidade afro-equatoriana de Esmeraldas, com um *week-end* dedicado ao Conselho de Zoneta e aos responsáveis das diversas comunidades: umas sessenta

pessoas ávidas de sabedoria e de luz.

De novo em Lima (1-15 maio), encontrámo-nos com o Conselho de Zoneta, juntamente com os responsáveis das comunidades do norte do Perú. Tocantes as experiências dos sobreviventes dos violentos

temporais de março passado, e da comunidade, solícita em levar as ajudas que tinham chegado até de Países limítrofes, testemunhando que a solidariedade, que nasce do amor recíproco, é motivo de crescimento para todos.

A intensa e profunda comunhão no encontro com o Conselho de Zona (ao qual, pelas grandes distâncias, alguns participaram via *skype*), gerou em todos uma certeza: poder dar vida, nesta terra no coração dos Andes, a um Jesus no meio «andino», expressão da riqueza das suas culturas, segundo o «sonho» de Chiara. E a dá-lo será Maria, a Mãe «andina» que revive na Obra.



Em Lima com os Delegados de Zona

Arequipa (Peru)

### Encontro das e dos Delegados de Zona

O encontro final (7-13 maio) foi em Lima, com todos os e as Delegadas das Zonas que compõem a grande Zona da América Latina, que desde este ano, num processo levado a cabo com muita maturidade da comunidade, se enriqueceu com as Caraíbas. Um encontro caracterizado por preciosas meditações sobre o *Paraíso de '49*, que ajudaram a ver a realidade com um olhar do Alto. A grande comunhão

sobre a vida da Obra nas diversas Zonetas fez com que, além das dores, também as conquistas, frutos e desafios sejam realmente de todos. Interessante o diálogo sobre as vocações à Obra. Compreendeu-se, juntos, que, para atingir as novas gerações, antes de tudo é necessária uma conversão de alma: procurar, sim, novas estratégias, mas aquelas do Evangelho. Constatava-se que os jovens são atraídos pela vida, portanto é preciso continuar a criar espaços para estar com eles, manter os focolares abertos, trabalhar juntos, fazendo-os experimentar a presença de Jesus no meio: é Ele que conquista os corações. Nestes tempos em que faltam pontos de referência, também se viu que, para além da idade e dos nossos limites, os jovens têm confiança em pessoas que vivem com radicalidade e fidelidade até ao fim.

Não se ignoraram os pontos fracos, como as poucas forças numéricas para chegar aos ambientes frequentados por jovens, ou a dificuldade de algumas comunidades se manterem autonomamente. Também nos perguntamos se os focolares da Grande Zona estejam nos locais segundo os fins da Obra «em saída», assim como também foram analisadas as situações críticas, socio-políticas, presentes em alguns Países que a compõem.

Voltámos ao Centro enriquecidos e gratos pela nova unidade construída.

*Gabriela Melo, Augusto Parody*

## Voluntárias e voluntários no México

# Janela aberta sobre a humanidade

**Preparado com quase um ano de antecedência, sustentado com orações e ações, e sobretudo com a vida, na Cidadela El Diamante realizou-se o encontro de cerca de 400 voluntárias e voluntários da América Central**

A três anos da nova configuração da zona, realizou-se de 23 a 26 de Abril uma escola para as e os responsáveis de núcleo, seguida de um Congresso para as e os voluntários, com o título «os voluntários de Deus hoje, janela aberta sobre a humanidade».

Os responsáveis, que se encontravam pela primeira vez como Zona, provinham das zonetas do Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Guatemala, Honduras, El Salvador e México. Grande a alegria e, desde o primeiro momento, intensa a partilha das dificuldades e dos resultados obtidos.

Temas como a função do responsável de núcleo, os instrumentos e os aspectos, ouvidos com as palavras de Chiara e explicadas nos colóquios com os voluntários do Centro: Paolo Mottironi, Michela Tasca, Roberto Borri e Eva Tomico, foram importantes para a formação. A comunhão de alma, depois das meditações sobre a união com Deus, sobre Jesus Abandonado e sobre o *Paraíso* '49, ligou cada momento.

A escola continuou com a chegada ao Congresso de cerca de 350 voluntárias e voluntários, que se sentiram parte de uma única família, filhos de Chiara.





# Movimento Diocesano Ao serviço da Igreja comunhão

**O Copresidente definiu-o instrumento de encarnação do Carisma, na Igreja**

O Congresso foi uma *expo* de alegria e de vida. As numerosas experiências, ações e projetos de cada parte da Zona, incluindo nações com particulares e graves problemas económicos e sociais, puseram em realce o valor da vida dos nossos. Estar dentro das chagas de cada território, procurar com intensa e profunda vontade de amar as numerosas dificuldades (às vezes autenticos dramas) faz dos voluntários verdadeiros heróis, abraçando aquele Jesus que deu a vida por estas situações.

As reflexões após as intervenções em videografações da Emmaus e Jesús aos responsáveis de núcleo, no dia 1 de abril passado, evidenciaram a importância de não ceder às lógicas do mundo no processo de encarnação, e a vontade de viver plenamente, com novo impulso, esta fase da Obra.

Será difícil esquecer os rostos e os olhares de tantas voluntárias e voluntários, que ficaram impressos no coração de Paolo, Michela, Roberto e Eva durante a sua viagem ao México! Pessoas que, com tenácia, continuam a caminhar juntos para construir novos e mais humanos ambientes sociais, em família, no trabalho.

*a cargo dos centros das voluntárias e dos voluntários*



A visita à região de Marche (centro de Itália), no início de abril, de Jesús Morán (ver caixa) realçou uma beleza que, ao menos com estas dimensões, não existe noutras regiões: a presença do Movimento Diocesano (MD) em quatro das suas dioceses – Ascoli Piceno, Fermo, Macerata, Pesaro –. «O que favoreceu esta concentração - explica o pe. Mario Cataldi, do focolar sacerdotal de Ascoli - foi a surpreendente adesão ao Ideal, nos inícios dos anos 70, de numerosos seminaristas das Marche e de Abruzzo, ordenados depois sacerdotes focolarinos ou voluntários». Desde o início sentiram a necessidade de levar esta vida ideal ao interior das estruturas das Igrejas locais, onde trabalham.

**Mas quais as peculiaridades do MD?**

«Antes de tudo - explica o pe. Mario - uma evangelização na perspectiva da unidade pedida por Jesus ao Pai: "Que todos sejam uma coisa só", que se desenvolve, mês após mês, com a prática da Palavra de vida e os pontos da espiritualidade da unidade». «Nós sacerdotes, depois, - acrescenta



o pe. Giuseppe Caponi, também ele do focolar sacerdotal de Ascoli - devemos ter a honestidade de nos sentirmos servos de todos, dando o devido espaço a cada realidade eclesial, para construir a



por eles mesmos ou da Obra inteira: intervenções no território, procura de trabalho, *flash-*

unidade na variedade e na distinção, amando cada grupo, movimento, associação como se fossem nossos». «Uma experiência formativa característica do MD - conta o pe. Paolo Canale, de Fermo – são os Cursos de formação no Verão ou campos-escola. Desde a preparação, cada um dos grupos, provenientes das diversas paróquias da diocese, dá o melhor de si e cria entre todos um forte espírito de comunhão. Isto favorece nos jovens o crescimento na fé e, muitas vezes, a descoberta da própria vocação: gen, empenhados, voluntários, focolarinas e focolarinos. Outros, como me aconteceu a mim, sentem o chamamento ao sacerdócio e alguns foram depois sagrados bispos».

*-mob* nas praças, a "trouxa", a Semana Mundo Unido, que já faz parte das manifestações civis, etc., como seguindo as propostas do Bispo em cada campo pastoral. Um outro exemplo é em Pesaro, onde o Bispo confiou o diálogo ecumênico ao pe. Giorgio Paolini, principal animador do MD daquela diocese, que o desenvolve nos moldes da experiência da Obra, realizando à volta do MD uma pastoral ecumênica piloto, para uma região inteira.

**Para melhor compreender** como um MD está presente e opera numa diocese, tomemos como exemplo a diocese de Ascoli: conta 120.000 habitantes distribuídos em 70 paróquias. O MD está ativo em 23.

No total são cerca de 600 as pessoas que frequentam os encontros da Palavra de vida e que estão na base das atividades sociais e eclesiais da diocese, tanto aquelas promovidas

**Essa vitalidade eclesial** suscitou no Copresidente o desejo de a conhecer pessoalmente. «Desde há três anos - refere Thérèse Henderson que, com Alessandro Cappella, segue a zoneta de Marche – faço parte do focolar de Ancona e o primeiro objetivo que colocámos, com os focolarinos e com o focolar sacerdotal, foi de nos considerarmos um único focolar». «Em primeiro lugar, começámos por nos encontrarmos com os responsáveis dos focolares - prossegue Alessandro – (na Marche somos atualmente três focolares sacerdotais além dos focolar de zoneta); depois "reservando" a data de 2 de junho de cada ano para um retiro de todos: focolarinas, focolarinos, sacerdotes; depois, aproveitando todas as oportunidades para crescer na comunhão e partilhar a vida da Obra, também nas várias cidades».

«Quando, aqui há tempos, - conta ainda o pe. Giuseppe – um dos nossos sacerdotes foi



© R. Silva

hospitalizado em Ancona por uma doença grave, focolarinas, focolarinos, foram diariamente prestar-lhe assistência e apoio moral, como se fosse dos seus focolares».

«Nesta nova unidade – de clara Thérèse – a Obra na zoneta vive aquela reciprocidade que é uma verdadeira troca de bens. Além disso,, o MD tem uma grande capacidade formativa, também no campo teológico, e uma incidência



concreta nas estruturas da Igreja local, juntamente com toda a Obra, mas também com um contributo específico, para a realização daquela Igreja-comunhão própria do Vaticano II».

*Por Anna Friso*

## **Perguntámos a Jesús Morán uma impressão sobre a sua viagem a Marche**

### ***Como nasceu a ideia desta tua viagem?***

«Através de um colóquio com os dois responsáveis dos focolarinos de Ancona e do focolar sacerdotal de Ascoli, tive conhecimento do caminho de unidade que fizeram nos últimos tempos: uma experiência, que tinham sentido confirmada pela minha intervenção num encontro de sacerdotes focolarinos, sobre a necessidade de uma nova unidade entre os focolares femininos, masculinos e sacerdotais. Nasceu-me então o desejo de constatá-lo pessoalmente, no contexto da zoneta de Marche, onde floresceu o Movimento Diocesano».

### ***Era a primeira vez que entravas em contacto direto com a realidade do MD. Que impressão tiveste?***

«Conhecer de perto esta realidade, da qual me devo ocupar também como Copresidente, impulsionou-me a partilhar com a Emmaus o desejo de deslocar-me ali, mesmo se numa veste informal. Uma verdadeira descoberta. Vi uma vida ideal dinâmica, empenhada e pluriforme. Fiquei alojado no focolar sacerdotal de Ascoli,

bonito, central, e senti-me em casa. Para mim foi a confirmação de que o MD é um dos frutos mais inovadores do génio eclesial de Chiara. Trata-se de uma realidade plenamente Obra e plenamente Igreja».

### ***Há qualquer coisa de particular que tivesses apercebido, estando ali em Ascoli?***

«Voltei com a convicção que o MD numa zona ou zoneta deveria ser um facto normal, mais do que excepcional (por agora existe só numa pequena porção de Obra). A Obra de Maria tem como vocação levar o carisma da unidade a todas as realidades civis e eclesiais de Deus. Por este seu objetivo, tem algumas estruturas particulares, uma das quais, para o mundo eclesial, é o MD. Trata-se, portanto, de um instrumento de encarnação do Carisma na Igreja, que deveria florescer por natureza própria. Quando isto se verifica, a Obra naquele dado lugar adquire uma plenitude particular, porque o Carisma se encarna em todos os campos. Claro que isto requer um empenho de unidade especial e um olhar muito amplo. Na zoneta de Ancona esta unidade sente-se».

*a cargo da redação*

# Inundações

## Doze, num único Diálogo

### Encontro com o Centro da Obra

Um dia muito esperado por todos os membros do Centro para o Diálogo com a Cultura, pois era o dia em que se realizava aquilo que tanto desejávamos: estar em comunhão, através do seu Centro, com toda a Obra de Maria.

Não era automático: para uma realidade complexa e heterogénia como a do Diálogo com a Cultura – as chamadas Inundações – era preciso um esforço muito substancial para oferecer a vida, o caminho traçado e a realidade mais profunda deste Diálogo.

**A preparação**, um verdadeiro jogo de unidade (!) entre todas as Inundações, que espelhou bem a realidade de sermos um só corpo: 12, mas num único Diálogo. E como Inundações atualmente existentes (arquitetura, arte, comunicação, direito, ecologia, economia, medicina, pedagogia, política, psicologia, sociologia, desporto) apresentaram-se no Centro da Obra e, como tal, foram recebidas. Uma realidade una e ao mesmo tempo variada, onde a vida corre numa contínua e rica dinâmica de unidade e distinção.

**O encontro desenrolou-se** através de alguns títulos depois apresentados no ecrã grande: sinergias dentro da Obra, relacionamentos com a Igreja e com o mundo académico, contracultura do desperdício. Viu-se, com uma certa admiração, não só o crescimento em muitas das

sinergias realizadas e vividas em diversos ambientes da Obra [sobretudo (mas não só) com Humanidade Nova] neste último período, mas também de relacionamentos construídos nos mais variados campos, desde o académico até ao político, ao eclesial, ao social, etc. E é graças a estes relacionamentos que se encontraram atalhos para chegar àqueles lugares ditos «difíceis» e «iluminá-los» com aquela luz que vem do carisma da unidade, na veste da cultura, do pensamento, da ciência prática.

**Também se deu importância** à chamada «contracultura do desperdício» (cf. Papa Francisco), ou seja, aquele esforço que nos orienta para as realidades sociais e mundiais mais urgentes e talvez mais esquecidas, como por exemplo, nas zonas atingidas por terremotos em vários países, levar a ajuda da Inundação da arquitetura em sinergia com a AMU e outras realidades; a EdC colaborou com empresas atingidas pelo terremoto e também iniciou um «observatório» sobre a pobreza. A Inundação da medicina deu especial atenção à problemática do fim da vida; Net-One iniciou um projeto de jornalismo, migrações, islão; Social-One realizou encontros com operadores da esfera social sobre a pobreza e as migrações. Não faltaram contactos e colaborações



com cristãos de outras Igrejas (MPpU), com budistas (EcoOne), dando especial atenção ao tema da paz (pedagogia e psicologia), ao tema ambiental (EcoOne e direito), aos lugares mais distantes quanto à actualização cultural e também espiritual (desporto e arte).

São tudo exemplos que nos dizem que as

Inundações, quando se põem em campo, utilizando linguagens que ajudam a ir ao encontro das pessoas, onde estas se encontram, estão a percorrer com decisão uma das «autoestradas» que Chiara tinha previsto como instrumentos privilegiados para o «*Ut omnes*».

*Caterina Mulatero, João Manoel Motta*

## Voluntárias e voluntários

# Uma reviravolta

**850 responsáveis de núcleo, de todo o mundo, com Maria Voce e Jesús Morán**



Com alegria e gratidão os 850 responsáveis de núcleo, de todo o mundo, presentes em Castel Gandolfo de 30 de março a 2 de abril, aceitaram a tarefa de serem corresponsáveis da Obra, testemunhas dinâmicas e autênticas, ali onde Deus os chama.

A presença constante da Presidente e do Copresidente durante estes anos foi, para o ramo dos voluntários e das voluntárias, estímulo e encorajamento incessante para realizar plenamente a nossa vocação. Também desta vez, a Emmaus e Jesús convidaram fortemente a refletir sobre o papel dos Voluntários no hoje da Obra (ver quadro).

«Quando o Espírito sopra faz tremer algumas coisas – disse a Emmaus –, mas, ao mesmo tempo, alarga, liberta, destrói limites e barreiras, faz-nos olhar para mais longe, leva-nos sempre

para o alto, e do alto vê-se melhor. Eu sinto que é preciso aderir ao Espírito Santo correndo atrás deste vento».

Uma diversidade de experiências, mas uma só alma uniu todos. Falou-se de decisões nascidas da unidade, vivida neste dias, e comunicadas com alegria, sem ceder à lógica do mundo, prontos a iniciar «novos processos»: «Fizemos uma inversão total no Ideal puro... um voltar à radicalidade das origens, com a consciência de que nós somos Obra e devemos fazê-la caminhar nas estradas do mundo, sem nunca desviar os olhos daquele farol que é Jesus Abandonado». «Subimos a uma montanha e sabemos que temos de voltar ao vale, mas, com Jesus Abandonado, temos a certeza que vamos encontrar o paraíso neste mundo cheio de sofrimentos».

*a cargo dos centros internacionais das voluntárias e dos voluntários*





## A entrega

**Emmaus:** «[...] a vocação típica do voluntário é levar o Ideal ao mundo. Através de vocês encontramos-nos com o mundo, é a nossa vocação, é o "Ut omnes".

[...] Dizemos que, juntos, somos responsáveis por toda a Obra, com tudo o que isso comporta: cansaços, alegrias, sucessos, fracassos de toda a Obra e também de todos os vossos núcleos. Por isso somos corresponsáveis, juntos, de tudo isto.

[...] Na comunidade local é necessário ter não só voluntários, mas esplêndidos voluntários, ou seja, voluntários autênticos ... e que estes se tornem cada vez melhores na comunidade local. É uma coisa biunívoca de certo modo. A comunidade local decerto ajuda na formação. Nós dizemos: um voluntário forma-se na vida do núcleo, forma-se nos encontros de formação que se fazem, que são necessários, que desejamos, porque é preciso ir à comunidade local como voluntários

autênticos, como voluntários que têm consciência de quem são, da sua vocação, têm consciência da responsabilidade que devem ter no seu trabalho, na vida de família, em toda a parte, não só no momento em que se encontram com a comunidade local. É preciso toda esta formação».

**Jesús:** «[...] Se perguntarem como é a actualização, direi que é preciso manter-se sempre nestes dois pólos: por um lado aprofundar sempre o núcleo fundador do Carisma, sobretudo vocês, isto é, aqueles que têm uma vocação especial na Obra. [...] A uma pessoa que tem a vocação de se empenhar como protagonista da Obra deve-se pedir algo mais, não um conhecimento formal, simplesmente conhecer, mas um aprofundamento da espiritualidade que abranja todos os aspectos da vida, e ainda mais num ramo como o vosso, isto é, que forme o modo de pensar e de agir.

[...] Como se atualiza a vocação do voluntário? [...] Vocês aprofundam o núcleo da espiritualidade, os pontos fundamentais do Ideal: e estes devem impregnar profundamente toda a vossa vida. Quanto ao vosso específico, que é a transformação do mundo, olhem para o mundo como está e ponham-se a agir na Obra de hoje, onde há uma tônica especial para a encarnação».



# Consagradas e religiosos

## Jovens na cidade de Francisco

**Assis. Ali tudo fala de paz, de espiritualidade, de escolha de Deus. Lugar certo para o encontro de jovens consagradas e religiosos, que decorreu de 20 a 23 de abril**

Estavam presentes 33, de 13 Institutos e Famílias religiosas, de 12 nações. Alguns participavam pela primeira vez. Tiveram a alegria de celebrar uma Missa no Mosteiro das Clarissas Colettine e outra na Basílica, junto ao túmulo de S. Francisco, presididas pelo Bispo Domenico Sorrentino.

**Uma carta da Emmaus** colocou o encontro no coração da Obra de Maria: «A escolha de amar Jesus abandonado, pondo-o no centro da própria vida, foi, para Chiara Lubich e para todo o Movimento dos Focolares, o caminho para realizar a unidade pedida por Jesus ao Pai».

«Jesus Crucificado e Ressuscitado, caminho para a comunhão com Deus e entre nós» foi o tema tratado. Aprofundou-se o tema do ano sobre Jesus Abandonado, com uma recolha de perguntas e respostas de Chiara, uma explicação de carácter bíblico sobre o grito de abandono de Jesus na cruz, feita pelo p. Andrea Wodka, e o tema «Onde está o Ressuscitado, agora? O castelo interior e o castelo exterior» de p. Piero Coda.



**Foi significativa a procura dos «traços»** de Jesus Abandonado nos vários Carismas. O ponto de partida foi este texto de Chiara: «A espiritualidade que floresce da dor de Jesus Abandonado, nascida no século XX, é particular, mas tem características universais. Por esta razão ela é bastante útil para reavivar, por exemplo, as outras espiritualidades nascidas na Igreja...»<sup>1</sup>. Esta afirmação impulsionou a que se procurasse, nos escritos dos vários fundadores, os pontos semelhantes e de iluminação recíproca.

Foi de forte impacto o filme com a história da beata Chiara Luce Badano e foi especialmente tocante o testemunho de Chiara Menestrina que, apesar das condições físicas precárias, enfrentou a viagem de Trento até Assis para partilhar a sua duríssima história da doença. Relatos de vidas

<sup>1</sup> Da Chiara Lubich *Il grido*, Città Nuova, Roma, febbraio 2008, pag. 103



«ressuscitadas» pelo abraço ao Abandonado.

**Deu-se muito espaço** à troca de testemunhos, o que favoreceu a comunhão, profunda e iluminadora: «Nestes dias, pela intensidade das experiências vividas, respirei o ar de uma Igreja leve, guiada pelo Espírito, que não se fecha num Carisma mas vive a comunhão entre Carismas, enriquecendo a própria Igreja e deixando-nos “comer pelo mundo”». «O meu coração cresceu, aumentou. A coisa mais bonita foi a partilha, não de ideias ou da teologia, mas da vida». «O tempo que passámos juntos é como uma bateria de amor que levarei para a minha comunidade».

*a cargo dos centros das consagradas e dos religiosos*

## Retiro das Consagradas

**De 16 a 19 de março de 2017 realizou-se, em Sassone, o congresso anual das consagradas, com 80 participantes provenientes da Itália, Lituânia, Roménia, França, Burundi, México, Filipinas, Quénia.**



Reforçar «aquela maternidade espiritual que distingue o ser Suas esposas e que se manifesta em gerar Jesus no meio nas e entre as comunidades» foi este o desejo que a Emmaus lhes enviou na mensagem, com a qual foram recebidas.

Foi um confronto sobre a vida do ramo, sobre os desafios e os projectos para a nova organização. Com as suas intervenções, os conselheiros gerais do Movimento, Friederike Koller e Ángel Bartol, esclareceram alguns aspectos, indicando caminhos concretos para continuar de maneira mais rápida e dinâmica.

O tema do p. Salvo D'Orto, OMI, «O paradigma de referência para o movimento dos religiosos» mostrou uma realidade, aberta também aos leigos que fazem parte das famílias carismáticas, a concretizar em sinergia. Surgiu o desejo de uma ligação estável entre consagradas e religiosos, dando especial atenção aos jovens.

Depois de ouvir a gravação da experiência de Chiara sobre «Jesus Abandonado e a via crucis da Obra» seguiram-se experiências de religiosas que, pelo seu exemplo, superaram provas e perseguições, tendo-se tornado nascentes de luz.

O amor recíproco feito de escuta e de palavra, na sala ou em pequenos grupos, favoreceu a partilha da vida do ano. Foi interessante o passo inicial do Centro Evangelii Gaudium, com sede no Instituto Universitário Sophia. Uma consagrada, que participou no curso, realçou a riqueza dos conteúdos e a forma inovadora no estilo de comunhão entre docentes e alunos, todos protagonistas do percurso formativo.



Uma meditação apresentada por Renata Simon, conselheira para o anil, sobre «Jesus Abandonado, autor de todas as reformas» fixou na alma a experiência de luz feita por Chiara no *Paraíso '49*. «É uma experiência que nos cura por dentro, não nos torna pessoas divididas, mas sim unificadas», disse uma Religiosa. E uma outra: «Vamos embora com a certeza de ter contribuído para realizar a unidade, nestes dias, levando no coração a entrega de Chiara: o amor a Jesus Abandonado».

*a cargo do centro das consagradas*

## Escola Abbá

# «Viver o Paraíso»

Já são muitos os encontros com membros da Escola Abbá, para transmitirem a extraordinária realidade de luz que, durante o verão de 1949, nasceu do Pacto de unidade entre Chiara Lubich e Iginio Giordani



Callan Slipper, Lucia Abignente

«O ano de Jesus Abandonado é mesmo o ano para "entrar no Paraíso". É o ano em que estamos a ver como transmiti-lo a todos»

Foi o que a Emmaus disse e já se está a realizar em muitos lugares e de várias formas. Uma vez, com um dia de encontro, como foi o caso de Brescia ou da Mariápolis Lieta (Irlanda), outras vezes em fins-de-semana tal como em cinco cidades da Zona da Europa Central (DACH), com a participação de cerca de 700 pessoas, entre as quais três bispos.

Estes momentos surgiram para «introduzir» os participantes na peculiar experiência de luz do verão de 1949. Tiveram resultados que ultrapassaram todas as expectativas: conversões à vida radical da Palavra, uma nova escolha radical de Jesus Abandonado para permanecer na «Alma», o forte impulso a incarnar esta experiência para a levar ao mundo, etc. Simultaneamente, prosseguem os trabalhos de aprofundamento e reflexão sobre o texto do Paraíso, nos grupos por disciplina, formados pelos membros da Escola Abbá. Os resultados destes trabalhos serão comunicados posteriormente.

O compromisso na transmissão desta extraordinária experiência é muito sentida na

vida da Escola Abbá. É quase diário receber um *WhatsApp* ou um mail com notícias que contam uma intervenção de alguém, feita ao Conselho Geral da Obra, ou num encontro em Castel Gandolfo, Loppiano, Montet, ou em alguma parte do mundo (Albânia, Argélia, Bélgica, Brasil...). Outras vezes a notícia é sobre alguém que opta por ir a vários sítios «dois a dois», evangelica-



mente, com a Sua presença entre nós, como foi nestes últimos meses em Loreto ou nas viagens à Índia, a Espanha, à República Checa, etc. Todas estas modalidades são feitas com a consciência de que se é a expressão do corpo inteiro desta escola, «querida por Deus», para oferecer a luz do Carisma.

**Propuseram-nos** que fôssemos à Cidadela Castelo exterior (Espanha).

«Viver o Paraíso» era o título do encontro, que se tornou realidade durante os extraordinários dias da Semana Santa, que vivemos com os 145 membros das várias vocações da Obra, de toda a Espanha. Era o povo de Chiara, com o timbre típico desta nação, terra de grandes místicos.

Na Quinta-feira Santa, o Pacto de unidade abriu o encontro, acompanhado por uma

introdução geral ao texto do *Paraíso de '49* e ao contexto histórico como pano de fundo, com a leitura de extratos de textos de Chiara sobre os temas do Tríduo Pascal: A Eucaristia, Jesus Abandonado, a descida aos Infernos, Maria, o Ressuscitado... para neles se penetrar e viver com uma intensidade especial.

Neste ano de Jesus Abandonado, o «beijo da cruz», que foi precedido pela leitura da página do dia 20 de setembro de '49, *Tenho um só Esposo*, foi especialmente solene e provocou uma nova escolha Dele.

**Uma jovem chamada Dolo contou:** «**Lembrei-me** de uma canção do Alejandro Sanz '*Looking for Paradise*'. Talvez nós tenhamos que escrever uma que diga: «*Encontrámo-lo*». Sim, sim é isso «entrámos no Paraíso» comunicando-nos com a Palavra, a Eucaristia e entre nós. Foram importantes os vários momentos de partilha, na sala ou em pequenos grupos, e também o tempo reservado a um «colóquio pessoal com Deus», para com Ele assumir um novo empenho, que depois também se põe em comum.

*Montse, focolarina:* «Cheguei a este encontro com receio de não estar à altura. Senti-me povo de Chiara sem distinções. Chiara comunicava às suas companheiras o que ela via: nós somos "as suas companheiras" e caminhamos todos com ela. Gostava que isto chegasse à humanidade, mas estes textos só se compreendem se houver Jesus no meio! Qual é o meu compromisso? Criar pequenas células, como pequenos pontos de Paraíso, para que quem os ler possa ver realizado aquilo que está escrito».

*O Luís, um voluntário:* «Conheci o Ideal em 1974 e fui um gen. Descobri que, por trás das coisas que

Chiara nos deu durante estes anos, estava sempre o Paraíso».

*Fernando, voluntário:* «Quando Chiara, Foco, e muitos dos primeiros focolarinos "partiram", eu interroguei-me: e agora, como será? Eles transmitiam a vida de Chiara de uma maneira que mais ninguém, ao longo da história, poderá fazer. Depois lembrei-me da frase de Jesus: "fareis coisas maiores que eu". Este encontro foi uma prova disso: para além das nossas limitações, na Obra, a presença de Jesus no meio que Chiara nos recomendou é cada vez mais viva».

*Juan Carlos, gen 2:* «O que me fica é a grandeza de Deus, que tem todos no coração, perdoa-nos dia após dia, assume como suas as nossas misérias e imperfeições: isto é uma verdadeira riqueza! Quando me convidaram tinha acabado de me levantar do sofá onde «dormi uma sesta». O meu compromisso feito aqui é «levantar-me do sofá», sair como disse o Papa, ir pelas ruas, contra a corrente desta sociedade e ser forte. Voltar a casa morto de cansaço, mas satisfeito por ter dado tudo de mim mesmo».

*Petri, voluntária:* «este encontro marca o final do meu luto pela morte de Chiara, porque ela está vivíssima, e é também o momento decisivo do meu compromisso na Obra: a passagem da adolescência à maturidade».

*Meritxel, aderente:* «Quando Chiara faleceu eu não pertencia ainda ao Movimento. A notícia entristeceu-me porque nunca chegaria a conhecê-la. Aqui todos fizeram com que eu a conhecesse».

*Callan Slipper, Lucia Abignente*

Momentos do encontro em Espanha





## No Panamá e em San Salvador

# Adolescentes e crianças: presente e futuro

A participação no Fórum «#EndChildViolence» (fim à violência infantil), no Panamá, foi uma oportunidade para uma viva e intensa conversa entre educadores e gen3 da América Central

«#EndChildViolence» era o título do 5º Fórum GNRC (O Global Network das Religiões, para as Crianças) que é promovido pela fundação budista Arigatou e se realizou de 9 a 11 de maio 2017.

Nós participámos em nome da Emmaus. Estavam presentes 500 líderes religiosos. Foi fundamental a presença de 60 adolescentes vindos de vários Países.

Aproveitámos esta viagem para realizar dois cursos de EduxEdu (educar-se para educar) e dois momentos de encontro com os gen3, no Panamá e em San Salvador. Vindos do México, Guatemala, Costa Rica, Honduras e Nicarágua colaboraram também os educadores que acompanham as novas gerações.

«O objetivo: promover a unidade e a fraternidade universal, através dos grupos de trabalho e dinâmicas de vida neste fórum. Foi impressionante ouvir os adolescentes desenvolver temas como o amor ao próximo, a justiça, o perdão e o cuidado pelo meio ambiente, o va-



lor do respeito, do acolhimento e do serviço aos outros. Estes, já desde pequenos, conhecem a realidade dos seus coetâneos, o que é que vivem e do que precisam». É este um extrato do artigo do semanário católico mais lido no Panamá, que dedicou duas páginas ao Run4Unity, ao Curso para Formadores e ao Congresso Gen3.

Os dias do Fórum GNRC e a partilha com os membros do Movimento ajudaram-nos a penetrar na realidade, por vezes crua, em que vivem as crianças e adolescentes nesta região. O que narra um dos presentes demonstra-o: «Uns rapazes estão a jogar na rua. "Corre, antes que a bola caia!". Mas o Martin pára de repente, ao reparar no grupo que estava parado junto ao canal. Para quem vive na periferia de Tegucigalpa, não é difícil reconhecer que fazem parte dos que recrutam rapazes para as *maras*. São os bandos de criminais que dominam o assim chamado "Triangulo Norte", formado por Salvador, Guatemala e Honduras, fazendo com que esta região seja a mais violenta do mundo».

Um dos pontos da **declaração final do Fórum GNRC** pôs em evidência a importância de reforçar a rede e as sinergias entre os que trabalham para o bem das crianças e adolescentes.

As experiências que os educadores e os gen3 contaram, o trabalho nas comunidades e nas escolas onde se vive a espiritualidade da unidade (que chega a quase 400 jovens e às suas famílias) são pequenas sementes que dão esperança.

*Agostino Spolti, Encar Javaloyes  
Centro internacional gen3 – jovens para a unidade*





# EcoOne Os Olhos

## Aprender a ver com olhos novos o relacionamento pessoa-natureza

A 4 de maio, em Loppiano, terminou a Escola EcoOne, dirigida especialmente aos jovens. Uma escola com um timbre ecologia «zero», graças ao uso de materiais biodegradáveis e à plantação de árvores para compensar a emissão de CO2 provocada pelas viagens.

A extraordinária alegria dos 31 participantes, dos cinco continentes e o encanto provocado pela atmosfera onde se viram imersos, acentuaram o êxito deste laboratório-diálogo.

Com o Sergio Rondinara percorreu-se a história desta inundação, aprofundou-se a mensagem de Chiara Lubich do dia 27 de maio de 2005 à EcoOne, e o seu texto sobre «A Ressurreição de Roma» 1.

Um padre franciscano, que está a escrever a primeira tese italiana sobre a pastoral ecológica, fulgurado pelos escritos de Chiara, comparou-os aos de Teresa d'Avila, e propôs que a questão ambiental fosse considerada uma das «periferias» a que a Igreja quer chegar.

O diálogo foi enriquecido por uma mesa redonda sobre economia, política e ciência, assim como pelo laboratório de reciclagem com Ciro Cipollone, a visita ao Jardim Botânico de Vallombrosa, a reunião com o Instituto universitário Sophia e a exposição de duas iniciativas de Humanidade Nova, no âmbito do cuidado do ambiente.

1 CHIARA LUBICH, A doutrina espiritual, Città Nuova, Roma, setembro 2006, pags. 254-258

Vem-se consolidando uma profunda amizade com um especialista do Ministério do Exterior, que aborda a relação entre os desequilíbrios do ambiente e os conflitos armados. Amizade que tem provocado uma inspiração recíproca.

Eis uma das muitas mensagens que nos chegaram: «Hoje retomei a vida quotidiana com uma nova dimensão. Tudo me pareceu sagrado. Por isso tratei as coisas com mais respeito e poupei pelo menos um terço de água, usando recipientes de recolha e reciclagem». Outra: «Encontrar-se entre jovens de várias nacionalidades dá esperança. Também dá esperança levar a experiência pessoal que amadureceu durante os anos de trabalho contracorrente, muitas vezes entre dúvidas, mas prosseguindo sempre».

O trabalho apaixonado da comissão, na preparação, foi recompensado pela contagiosa alegria: será que é esse o presente de Deus pela maioria da EcoOne, que nasceu há 18 anos, no dia 27 de maio?

Luca Fiorani

[www.ecoone.org](http://www.ecoone.org)



Participação da EcoOne no Simpósio Budista-Cristão em Taiwan (26-28 abril 2017). Os budistas são muito sensíveis à «presença de Deus nas coisas», da qual Chiara Lubich fala, e também à preocupação do Papa Francisco pelo «cuidado da casa comum».

O diálogo com eles tem como base os muitos pontos em comum.

## No ano dedicado a Chiara e à família Do «Family Highlights» em viagem para a Oceânia

Em seguimento do «Family Highlights» de Loppiano, evento que em março contou com a participação de famílias de todas as partes do mundo, fomos para a Oceânia, onde se realizariam três Mariápolis sob o tema da «família». Com a Beatrice e o Franco Cardinali – família-focolar de Loppiano

«Sejam uma família» é o título da primeira Mariápolis (de 6-9 abril), em Phillip Island, a duas horas de carro de Melbourne. Uma esplêndida convivência multicultural com 160 pessoas, de várias Igrejas cristãs e um budista, que participaram, com um grande interesse, no programa, que continha amplos espaços criativos, entre os quais workshop sobre a educação e a comunicação na família. Foi significativa a partilha de experiências e contagioso o entusiasmo dos jogos ao ar livre e as actividades pais-filhos.

Quando acabou a Mariápolis, fomos para Melbourne celebrar a Páscoa com os focolares e a comunidade. Pelas ruas da cidade, juntos, participámos na procissão ecuménica da Sexta-Feira Santa, com 3.000 pessoas de 7 igrejas diferentes.

A paragem em Melbourne foi uma ótima preparação para a Mariápolis (20-23 abril), que nos esperava em Richmond - a uma hora e meia de carro desde Sydney. Fomos com a Lucia Compostella e o Bruno Carrera, dos focolares de Melbourne. Havia, também aqui, entre os 105 participantes, pessoas de vários Países: quatro



Nova Zelândia. Da esq: Stefano Serratore, Yob Doronila, Beatrice e Franco Cardinali, Roberta Serratore, Mario Merlo e Vanessa Borg (corresponsáveis da zoneta)

famílias do Iraque, um grupo de chineses, pessoas do Líbano... Houve um valioso trabalho de tradução feito por pessoas da comunidade.

À medida que o programa decorria (era semelhante nas três Mariápolis), o diálogo tornou-se cada vez mais profundo e tocava muitos dos desafios com que se deparam as famílias daqui, mas que mostram a grande *riqueza* que é o Ideal da unidade para a família.



Sidney



Melbourne



Philip Island

A «estafeta» dos eventos com o tema «Chiara e a família», para celebrar o nono aniversário da sua partida, começou em janeiro, no Cairo (Egipto) e em Malta e, em fevereiro, foi o momento do Panamá. Depois, simultâneos ao «Family Highlights» de Loppiano (10-12 março), em todo o mundo houve uns setenta eventos, com frutos realmente surpreendentes. Na agenda há ainda dois: em Perth, no mês de julho ainda na Austrália e em setembro, na Alemanha, em Zwochau.

Ver [www.focolare.org/famiglienuove/](http://www.focolare.org/famiglienuove/)

Foi um momento mágico poder viver diretamente a conferência telefónica CH, que nos levou a sentir que fazemos parte de uma única família de Chiara, espalhada pelo mundo.

O maravilhoso lugar onde se fez a Mariápolis, rodeada de bosques, era propício para passear, fazer jogos, acender uma fogueira e cantar em várias línguas, para celebrar também o cinquentenário da chegada do Ideal à Austrália.

Foi forte o unânime e declarado compromisso de permanecermos unidos, para levar a experiência que vivemos nesses dias aos sítios onde moramos.

**Ainda dois dias com os focolares** e a comunidade de Sidney, para depois partirmos para a terceira etapa: a Mariápolis (26-29 abril) em Rotorua, na Nova Zelândia, que tinha como título «Para amar-Te, eu tenho só este momento».

Depois de um voo de quatro horas, chegámos a Auckland, onde nos encontrámos

com a Yob Doronila e o Bruno, dos focolares de Melbourne. Com eles, mais outras quatro horas de carro, para chegar ao *camp*, nas margens de um lindíssimo lago.

Entre os 170 participantes, havia uma vivíssima presença de 50 jovens, adolescentes e crianças. A sua proveniência era, como nas outras Mariápolis, muito variada: Filipinas, Índia, Coreia... O bispo da localidade esteve connosco todo o programa e nas celebrações, enriquecidas com orações em língua *mahori*, a etnia nativa local, que abrange 20% da população. Não faltaram as atividades ecológicas e a excursão à vizinha e encantadora «terra do meio», onde foi filmada a série *O Senhor dos Anéis*. Um ambiente que inspirou a festa da noite do último dia, que foi maravilhosamente animada pelas três gerações gen. Terminou com uma partilha de profundos testemunhos, tanto pessoais como familiares.



Nova Zelândia

Este mês de viagem fez-nos conhecer gente maravilhosa. Partilhámos alegrias e dores de muitas famílias, que muitas vezes vivem situações difíceis, com coragem e fidelidade ao Carisma. Com cada uma delas aceitámos o desafio de continuar a viver e a ser testemunho, onde vivemos, da maravilhosa aventura da unidade.

Roberta e Stefano Serratore  
Secretaria central de Famílias Novas



Gen Verde e Gen Rosso

50 anos

# de fantasia e fidelidade

O **Gen Verde** no seu percurso artístico manteve uma grande abertura, tanto no campo musical e profissional, como em relação às outras religiões, culturas e sociedades, com os seus desafios, incertezas e potencialidades.

Quanto à sua linguagem: nos últimos três anos, quisemos atualizar-nos em vários aspectos do nosso trabalho. Estabelecemos um diálogo aberto e profundo entre nós e com o Centro do movimento. Fizemos cursos de aperfeiçoamento musical, de coreografia, cenografia e demos mais conteúdo pedagógico ao *Start Now*.

O que é o *Start Now*? É um projeto cultural, educativo-formativo, que tem repercussões no tecido social. Qual é o objetivo? Chegar aos jovens no seu próprio ambiente, para lhes transmitir valores como o diálogo, partilha, fraternidade universal.

Como? Através da sua participação ativa nos vários laboratórios artísticos e na apresentação final, no palco. O nosso último espetáculo é considerado, por muita gente, um poderoso instrumento para «sair», em veste fresca, moderna, juvenil e impressionar o coração das pessoas.

É difícil quantificar os resultados do nosso trabalho, porque a semente do Ideal, quando se lança, cria raízes onde nós nem sequer podemos imaginar. No entanto, por outro lado, constatamos

Quem é que, naquele dia 23 de dezembro de 1966, poderia pensar que os dois conjuntos, a quem Chiara deu, respetivamente, uma bateria verde e uma vermelha, viriam a fazer tanto caminho?

Quem podia ter imaginado quantas aventuras, pessoas, histórias, tarefas impossíveis, pequenos – grandes milagres teriam marcado esse caminho? Nestes 50 anos, muitas coisas mudaram: equipamentos, pessoas, linguagens, estilos... mas a alma, é sempre a mesma!

que há uma visível mudança na vida dos jovens e das pessoas que assistem aos nossos concertos ou trabalham connosco.

Vemos que, em todos os locais, sem distinção de credos, cultura ou raça, a humanidade está sedenta de relacionamentos, de diálogo, de comunhão. Estamos também conscientes de que temos nas mãos uma arma poderosa, a música, mas, sobretudo, o testemunho da nossa vida e unidade, para oferecer o Ideal como resposta a essa sede.

Uma ocasião para isso vai ser o já próximo Genfest 2018, em junho, nas Filipinas, em Manila. Convidados, em representação do Gen Verde e Gen Rosso, fizemos em Loppiano dois dias de encontro, para elaborar uma proposta de programa. Os desafios são muitos, mas também o entusiasmo e a criatividade. Já começou a amadurecer algo que é novo ...

Sally McAllister

**O Gen Rosso**, desde as suas origens, viaja pelos contextos sociais mais diversos quanto às raças, religiões e culturas, assim como, para além das habituais rotas das suas *tournees*, devido a projetos de solidariedade, associações humanitárias.

Desde outubro de 2006, realiza no mundo juvenil projetos artístico-educativos. Esses projetos articulam-se da seguinte maneira: durante determi-



nação], a degradação do ambiente, a desigualdade na distribuição das riquezas, o terrorismo.

Várias destas temáticas são apresentadas no projeto «Itália por», que foi proposto no Instituto Universitário Sophia, no dia 17 de fevereiro deste ano, através do espetáculo «Campus, o musical» realizado em Loppiano, teve a participação dos estudantes de algumas das escolas do Valdarno. O *musical*, através dos seus *laboratórios*, oferece aos participantes e espectadores, das cidades abrangidas pela «Viagem por Itália», importantes pontos de reflexão, usando a linguagem universal da arte.



nados dias, os jovens trabalham por disciplinas em *workshop* [laboratórios]: canto, dança, teatro, música... Até que se envolvem com o Gen Rosso no palco. São jovens estudantes, operários das indústrias, presos, pessoas com deficiências, pessoas em recuperação da toxic dependência, artistas, etc. que, por sua vez, se tornam embaixadores dos valores nos seus ambientes quotidianos.

Desta maneira tratou-se, nos mais variados contextos, os temas da paz e da interculturalidade, da violência e do *bullying* [intimidação], da prevenção da droga e a resolução dos conflitos.

Estes projetos assumem títulos específicos, segundo as diversas realidades sociais onde se propõem: «Mãos para a Paz», «Rock gegen Gewalt», «Give Peace a Hand», «Desportos para a Paz», «Uns pelos outros», «Fortes, sem violência», «Unidos sem barreiras», etc. Colocam em evidência os mais fortes desafios que enfrenta a atualidade: a violência, o *bullying* [intimi-

Em Roma, no dia 7 de abril, juntamente com o Gen Verde, no *Auditorium del Parco della Musica* [Auditório do Parque da Música], realizou-se um concerto, que era o ponto de partida para o próximo Sínodo dos Bispos sobre os jovens, lançado pelo Papa Francisco. Assistiram representações de jovens de todos os Países e, de modo especial, foram convidados os adolescentes e jovens de Roma.

O espetáculo suscitou um grande entusiasmo. (Ver no Youtube: *Gen Verde e Gen Rosso in concerto per le pastorali giovanili mondiali*). Numa entrevista da TV 2000, Michele Sole, que canta no Gen Rosso, disse que o facto de estarem os dois conjuntos em concerto, juntos, ainda aumentam a capacidade de integração dos dois grupos, presentes no panorama artístico mundial há mais de 50 anos.

Valerio Gentile

## Marco Tecilla

*O primeiro jovem a seguir Chiara, no caminho do focolar*



Bonetti, o hábito de terciário, na Igreja dos Capuchinhos».

Começou a guerra. O Marco fez serviço civil em Cison del Grappa, com momentos muito duros, até com risco de vida. Mais tarde foi contratado para trabalhar nos caminhos-de-ferro de Trento-Malè. Entretanto, apesar dos bombardeamentos, a irmã Maria continuava a frequentar as suas amigas, procurando com elas roupa e alimentos para os pobres.

Quando a guerra acabou, a família ficou em Trento, mas mudou-se para a Rua dos Capuchinhos. O Marco, que tinha 19 anos e atravessava um momento de escuridão, foi visitar o Frade que o tinha recebido na Ordem Terceira. Este convidou-o para um encontro na Sala Massaia. Quando já lá estava, verificou que também ali estavam as amigas da irmã. Queria levantar-se e sair, mas como já estava sentado, pensou que sair seria pouco delicado. Depois de rezar, o P. Casimiro deu a palavra a Chiara. «Falava de Deus - contava o Marco - com um fervor e uma convicção tais, que não deixava dúvidas. Depois de uma certa luta interior, dei-me conta de ter o queixo apoiado na mão e os olhos fixos em Chiara».

Pouco depois, pediram ao Marco para fazer pequenas reparações na casinha da Praça dos Capuchinhos. Ali respirava o ar sobrenatural que pairava entre aquelas raparigas que «têm Deus como pai e Jesus como mestre». Escreveu: «uma noite, tive que fazer uma reparação mais longa do que o habitual. Chiara estava a costurar sentada à mesa, uma outra rapariga estava a cozinhar. Quando acabei o

Aquelas raparigas que falavam do Evangelho, amigas da sua irmã Maria, pareciam, a Marco, muito exageradas, até quase presunçosas. Contudo, foi precisamente ele o primeiro jovem que seguiu Chiara Lubich. Foi o primeiro a formar um focolar masculino, inicialmente, num quarto em casa de uma família de Trento e, mais tarde, num depósito de lenha e capoeira, e nos mais de 30 outros locais que o levaram a muitos focolares em todo o mundo, longe de Chiara, mas em estreita relação com ela. Agora, com 91 anos, no dia 8 de maio, Deus



1966. Com Chiara Lubich em Recife

chamou-o a Si. Deixou a toda a Obra a radicalidade dos primeiros tempos, a sua fortaleza, a sua fé no carisma da unidade, a pureza da sua vida evangélica.

De uma família simples - o pai era padeiro, a mãe enfermeira e era o último de quatro filhos (depois de Maria, Ezio e Ricardo, que também se tornou focolarino) - o Marco teve uma infância serena e feliz. Aos 14 anos, depois de terminar a escola profissional, começou a trabalhar. O pai, que faleceu muito cedo, tinha manifestado o desejo de que os filhos se tornassem terceiros franciscanos. Assim, aos 17 anos, «com o meu irmão Ricardo - contava o Marco - recebi, do P. Casimiro

meu trabalho, com grande surpresa, fui convidado por Chiara a ficar um pouco para descansar. Timidamente (é preciso lembrar que ele era um simples operário, mais novo do que Chiara *n.d.r.*), sentei-me do lado oposto da mesa, ficando sem dizer uma palavra. Chiara começou a falar-me de Jesus, daquele Jesus em que eu acreditava, mas que sentia muito longe, apesar de me considerar um cristão fervoroso. "Jesus - continuava Chiara - se viesse hoje, no século vinte, seria Jesus nas 24 horas do dia: trabalhava, rezava, comia, descansava... Hoje seria um Jesus eletrotécnico, como tu..." Esta nova visão cristã maravilhou-me. Vi o meu passado - que eu sempre considerei bom - desmoronar como um edifício atingido pelas bombas e experimentei uma certa angústia. Ao mesmo tempo, via abrir-se um horizonte novo, cheio de luz. Quando saí da casinha, parei - apoiando-me num pequeno muro - a olhar para a abóbada celeste, para descobrir o misterioso olhar de Deus e agradecer-Lhe. Estava a começar para mim uma nova vida, tinha de voltar a página e abandonar-me nos braços daquele Deus que, a mim, se tinha manifestado Amor».

O Marco aderiu plenamente ao Ideal, uma luz que colocou em crise o seu modo de ver o mundo e os seus projetos, até o de formar uma famí-



O Marco com a Graziella De Luca, a Dori Zamboni e a Natalia Dallapiccola

lia. Desabafou com o P. Casimiro, que o ouviu durante alguns minutos, foi à escrivania, escreveu uma carta e lhe disse: «Leva-a a Chiara». O Marco bateu à porta do número dois da Praça dos Capuchinhos. Chiara abriu, ele entregou-lhe a carta, ela leu-a à frente dele, sorriu-lhe e disse-lhe para voltar uma hora mais tarde. Um tempo que

não passava. O Marco, como não tinha relógio, perguntava continuamente as horas a quem passava. Por fim, bateu à porta e Chiara estava de novo com uma carta na mão: «Esta é para ti». O Marco voltou para casa e leu: «Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, depois vem e segue-me» Na noite de 27 de novembro de 1948, nasceu o primeiro focolar masculino.

Em setembro de 1950, Chiara pediu ao Marco para ir abrir o focolar em Turim: ficou lá durante um ano. Nos três anos seguintes, esteve em Roma, Milão e Siracusa. Em 1953, abriu o focolar em Innsbruck, e a seguir esteve em várias cidades italianas até 1958, altura em que, com Lia Brunet e Fiore Ungaro, fizeram uma primeira viagem ao Uruguai, Argentina, Brasil e Chile. Na Mariápolis de 1959, foi decidido que um pequeno grupo de focolarinas e focolarinos partiriam para o Brasil. Entre eles estava Marco, juntamente com a Ginetta Calliari, a Fiore, a Marisa Cerini, a Violetta Sartori, o Volo Morandi, Gianni Busellato (v. pag. 36-39) e o Rino Chiapperin. Em 1960, voltou para a Itália, Trieste, para mais tarde ir para a cortina de ferro, em Zagreb. No dia 22 de novembro de 1964, em Rocca di Papa, foi ordenado sacerdote.

Voltou, de novo, para o Brasil. Foram anos de frutos espirituais abundantes e de consolidação de uma profunda sintonia com o povo daquele grande país. Em 1972, iniciou uma nova experiência ao serviço dos focolares no Sul de Itália, viajando com uma mala pequena com apenas o indispensável. Queria ser uma presença de escuta, de comunhão: um pai... E foi-o para muita gente, bem como irmão e «mãe».

Em 1978 foi para Milão e, três anos depois, para a região das Três Venezas. Na noite de 31 de dezembro de 2001, Chiara pediu-lhe



Com D. Foresi, Oreste Basso e Giorgio Marchetti (Fede)

para substituir, no Conselho da Obra, o Enzo Fondi, que tinha partido de repente para o Céu. O Marco juntou as suas poucas coisas e foi viver no focolar de D. Foresi, para acompanhar o aspecto da «Vida espiritual e oração». Nestes anos salientou-se, de modo incansável, a sua dedicação, no Centro da Obra, nas Zonas e nas aulas de espiritualidade que dava aos jovens focolarinos e focolarinas e aos membros das escolas de Loppiano.

Por ter semeado amor em tantas partes do mundo, fazendo nascer a unidade entre pessoas de todas as condições sociais e culturais, inumeráveis eram as pessoas que o vinham visitar, em especial desde que, há um ano, começaram a surgir pequenos avc's com consequências de vários níveis. A unidade e o amor recíproco no seu focolar tornaram-se cada vez mais intensos. Perto do fim da sua vida terrena, quando a sua doença de repente se agravou, os focolarinos que estavam com ele, viram o seu rosto tornar-se «cintilante de amor». Os seus olhos luminosos pareciam envolver tudo e todos, num silencioso, mas eloquente e renovado «sim» à vontade de Deus sobre ele.

Ao dar a notícia da sua «partida», aos focolares no mundo, a Emmaus escreveu: «Marco, o primeiro focolarino, é a pérola que se junta à coroa de Maria. Estamos todas e todos ao seu redor num abraço que une céu e Terra, com infinita gratidão».

A Missa do funeral, celebrada no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, em que estavam presentes centenas de pessoas, também de várias Igrejas, foi um momento de graças e de louvor a Deus. Chiara Amirante, que o Marco acompanhou no seu caminho de fundadora da Comunidade «Novos Horizontes», deu um forte testemunho: «Houve momentos - confiava - muito difíceis em



Rino, Marco, Marisa, Volo, Ginetta, Violetta, Fiore, no navio, quando partiam para o Brasil

## Enzo (Volo) Morandi

*Pioneiro da Obra,  
no Brasil*



Nascido em

Trento, em 1930, o Enzo passou a infância na Sardenha, tendo regressado, quando ainda era jovem, à região do Trentino. Aqui, contava ele próprio, «encontrei-me a fazer parte do setor juvenil da Ação Católica e do coro da igreja». O pai não voltou da guerra e o Enzo, que frequentava a Escola Industrial e um curso de aeromodelismo (que era

que, de vez em quando, ia ter com o Marco, qual cireneu único e capaz de estar a meu lado, quando me sentia esmagada por cruces demasiado grandes para os meus fracos ombros [...] Aquilo que sempre me tocou, nos tocou, foi o seu estar sempre enraizado em Deus, na unidade e no amor por Jesus Abandonado. E este seu amor traduzia-se num amor muito grande, muito pessoal por cada um que encontrava e no qual via Jesus. [...] Com o Marco tinha a sensação da santidade de Maria, que vivia sempre com Jesus, o extraordinário no ordinário, e o seu enorme desejo de fazer sempre a vontade de Deus».



a sua grande paixão, juntamente com a música e o canto), concluiu rapidamente os estudos para sustentar a família. No tempo livre, retomou a atividade do aeromodelismo, até realizar o sonho de construir, com outros amigos, um planador e chegar a testá-lo. Conseguiu o "brevet" de piloto e fez os primeiros voos. Nuccia Sebesti, a sua namorada, pediu-lhe para ir com ela entregar uma encomenda a umas suas amigas. O Enzo, naquele encontro fortuito, ficou profundamente tocado pela radicalidade evangélica daquelas raparigas e quis conhecer também os focolarinos de Trento: «Começou um período de graças - escreveu na sua autobiografia - denso de experiências que nunca tinha sonhado fazer». Num dos seus voos, que se tinham tornado um pouco menos frequentes para se dedicar àquele Ideal que o tinha fascinado, ariscou a vida. Num outro voo, morreu um amigo que estava com ele. Profundamente marcado por estas duas experiências, deixou definitivamente de voar, enquanto sentia crescer a dúvida de que Deus lhe pedia um caminho diferente do matrimónio. Também a Nuccia sentia o mesmo e, depois de um mês de discernimento, tudo se tornou claro e, juntos, foram comunicar a Chiara a decisão de quererem doar-se a Deus, no focolar.

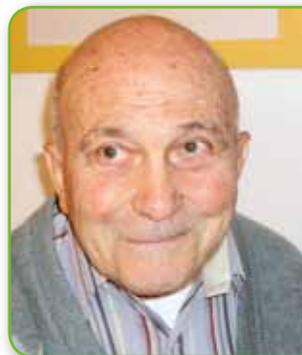
A Mariápolis de 1953 foi a oportunidade que o Volo teve (foi assim que Chiara começou a chamá-lo), de a encontrar de novo: «Perguntou-me - recordava - se sabia quem teria escolhido ao entrar no focolar. "Sim, claro que sei", respondi com uma certa e inocente presunção: "Jesus Abandonado!". "Mas sabes o que significa verdadeiramente? - replicou Chiara -. Se te encontrasses um dia numa terra distante - não sei, na América, por exemplo - e de repente todas as pessoas que fazem parte do Movimento tivessem que te abandonar, tu, por amor a Jesus Abandonado, terias de encontrar a força para recomeçar de novo e reconstruir tudo».

Nos primeiros meses, o Volo esteve no focolar de Trento, na Praça dos Capuchinhos, depois em Milão, em Parma, para iniciar o focolar, e depois de novo em Trento, como responsável do Movimento no Norte da Itália. Em 1959, também ele tomou parte na viagem de barco daquele primeiro grupo de focolarinas e focolarinos que se dirigiam ao Brasil. Teve, assim, início a aventura brasileira (ficou

desde 1959 a 1966 e desde 1970 a 1996, também como Delegado de Zona com a Ginetta Calliari). Para desenvolvimento do Movimento, seguiram-se as várias viagens de Chiara, a construção da Mariápolis Araceli (atualmente Mariápolis Ginetta), o início da Economia de Comunhão, etc.. É a história escrita nos corações de muitas e muitos brasileiros que, na altura da sua partida - que aconteceu no dia 21 de abril - quiseram fazer-se presentes com muitíssimas mensagens, gratos pela luz e pelo testemunho de uma existência totalmente iluminada pela Palavra «Conduziu-o por um caminho cheio de prodígios. De dia, serviu-lhe de sombra e, de noite, de astro flamejante» (Sap 10,17), que Chiara lhe tinha dado como projeto de vida, acrescentando: «É Jesus Abandonado!».

## Giuliano (Prescelto) Ricchiardi

*Levado «a casa»  
por Maria*



Tendo nascido em Turim, em 1931, com apenas 13 anos, o Giuliano perdeu a mãe. Pediu à Nossa Senhora do Rosário: «Agora, sê tu a minha mãe. Eu dou-me a ti». Aos 14 anos sentiu a vocação de ser sacerdote e missionário. Escolheu fazer parte dos Irmãos das Escolas Cristãs. Tinha dúvidas de que o pai, de formação socialista, lhe desse a autorização, até porque ficaria sozinho. Mas conseguiu-a logo à primeira tentativa. Alguns anos depois, morreu também o pai e o Giuliano passou por uma grande crise: «Se a morte da mãe me tinha colocado mais em Deus, a morte do pai deixou-me na escuridão. Antes de morrer, recebi todos os sacramentos, mas eu sinto-me só e vazio. Quase queria deixar a congregação...». Aos 25 anos - escreveu em 1956 - devia fazer os votos perpétuos. Não os queria fazer! Sentia aquele vazio... Na noite anterior rezei a Jesus: Tu vê a

situação. Não Te quero deixar...».

Em 1957, chegou a resposta: conheceu o Ideal e tudo mudou. Sentiu que queria ser um "popo", que é todo de Maria e da sua Obra». Em 1965, a Congregação precisou dele no Paquistão e, antes de partir, teve um colóquio com Chiara Lubich. «Agora sei - escreveu-lhe depois, para lhe agradecer - que parto completamente "popo", que tu me sentes como tal, que a unidade contigo e com toda a Obra nunca irá diminuir. Juro-te que serei fiel à Desolada, que a levarei no coração e que a procurarei. Chiara tinha-lhe oferecido um quadro de Maria Desolada em que, na parte de trás, ela e as primeiras focolarinas tinham assinado o compromisso de «a procurar». Ele acrescentou aí a sua assinatura com o novo nome que Chiara lhe tinha dado: Prescelto, e trazia-o sempre consigo.

A sua presença no Paquistão foi uma grande dádiva também para as focolarinas que passavam por lá, para o ajudar a dar vida às primeiras Mariápolis e para a comunidade que começava a nascer. Simultaneamente, em sintonia entre os superiores dos Irmãos das Escolas Cristãs, o Centro do Movimento e o Bispo paquistanês de Lyallpur, amadureceu a decisão de que ele deixasse o Instituto, entrasse no focolar e fosse ordenado sacerdote, como de facto veio a acontecer, em 1970, em Ottmaring. Finalmente Maria, a quem se tinha confiado em criança, «levou-o para casa». «Agora compreendo o que é o contemplativo - escreveu - é o "popo" que ama Deus! Obrigada, Chiara, por teres confirmado a minha vocação ao focolar! Obrigada por me teres confirmado também a vocação ao nosso sacerdócio».

Durante mais dois anos prestou serviço na Diocese, no Paquistão, depois viveu pelo Ideal nos Estados Unidos, em Trento e em Roma, onde trabalhou para a «Escola Mariana» para os adolescentes. Em 1983, partiu para a África e percorreu vários Países, mas, sobretudo, deu o seu contributo no Quênia, na Escola de Inculturação da Mariápolis Piero e com os jovens universitários e do liceu. Em 1999, voltou ao Paquistão, onde se deu com todas as forças, também na cidadela de Dalwal, que começava a desenvolver-se.

O seu testemunho humilde e trabalhador causava impressão, não só no meio universitário muçulmano, onde ensinava italiano, mas também entre diplomatas e embaixadores, que escolheram o Prescelto para receber duas condecorações do Presidente da República Italiana.

Em 2010, por motivos de saúde, mudou-se para a Mariápolis Romana. Apesar da debilidade ser cada vez maior e com dificuldade em se exprimir, continuou a dar-se, como podia, ao serviço dos outros até que, no dia 21 de abril, poucas horas depois da «partida» do Volo, e no mesmo focolar, deixou serenamente este mundo.

## Gianni Busellato

*«Tu foste feito para o Brasil»*



No dia 27 de abril, da cidadela de Loppiano, voou para o Céu também o Gianni, natural da província de Vicenza, um dos focolarinos que, em 1959, no dia de Cristo Rei, embarcou para o Brasil. Tinha 90 anos.

Na sua juventude, marcada pela guerra, o Gianni dedicou-se à Ação Católica e foi dirigente nos escuteiros.

Aos 20 anos, com a morte do pai, interrompeu os estudos para ajudar a família. Aos 28, fez sozinho, de motocicleta, uma volta por toda a Europa à procura de um motivo para dar sentido à sua própria vida. Encontrou-o no caminho de regresso, em Trento: «Às vezes - contava ele - pensando naqueles primeiros dias, quando conheci o Ideal, parecia-me que aquela luz me tivesse mudado até a minha natureza». No ano seguinte entrou em focolar, em Trento. Depois foi para Turim, para Roma e para o Centro da Obra, para ajudar D. Foresi. Chiara, vendo o seu modo de agir, disse-lhe de impulso: «Gianni, tu foste feito para o Brasil!» Alguns

dias depois, a ideia tomou forma e foi fixada a partida. A sua alegria era indiscriminável: Deus chama-o, juntamente com o Marco Tecilla, o Volo Morandi e outros, a levar o Ideal a uma terra longínqua, Deus confiava nele! Antes de embarcar, assistiram na Praça de S. Pedro à entrega do crucifixo a muitos religiosos que dali a pouco partiriam para a missão. A Obra não estava ainda aprovada e eles não puderam fazer parte daquele grupo. No dia seguinte, Chiara convidou-os a irem a sua casa para um momento de saudação e disse-lhes: «Não vos dou um crucifixo de metal, mas um crucifixo vivo: Jesus Abandonado».

Em Recife, o Gianni encontrou trabalho numa fábrica de sapatos. Dali, foram inúmeras as viagens às cidades de todo o Brasil, onde, às mãos cheias, semeou o Ideal. Foi ele que iniciou o focolar em S. Paulo e mais tarde, com o regresso do Volo à Itália, foi-lhe confiada a editora Cidade Nova. Depois de 23 anos no Brasil foi para Itália, para passar um ano sabático, com a intenção de voltar. Mas, a sua Santa Viagem continuou ininterruptamente até ao fim dos seus dias ao serviço da Cidadela de Loppiano, onde, sobretudo, se dedicou à documentação fotográfica e vídeo, setor que lhe era particularmente agradável. «Tinha pedido a Maria - escrevia a Chiara em 1987 - que este fosse o ano mais santo da minha vida». «Renovei a escolha de Jesus Abandonado - escreveu-lhe noutra ocasião - embora me pareça difícil de compreender Jesus no momento auge da redenção! Talvez por isso me pareça sempre novo, imprevisível, abismo infinito. Aos outros procuro dar - tanto quanto eu puder - amor e alegria, mesmo se tudo é contrário. Mas tudo é Ele. Acredito, tenho a certeza disso, que é tudo amor de Deus». «Daquilo que me dizes - escreveu-lhe Chiara, numa carta que o Gianni trazia sempre consigo - parece-me ver na tua vida as etapas da *Via Mariae*, da vida do focolarino. Por isso, fica tranquilo porque estás no caminho certo. Desejo que continues em frente até alcançares a meta...».

## Jorge Zogheib

«*Tu não cessarás de me seguir*» (Jr 3,19)

Nascido no Sul do Brasil, o Jorge, focolarino da Mariápolis Ginetta, com 17 anos, foi pela primeira vez a um focolar, em S. Paulo. O encontro foi direto à prática: convidaram-no para lavar uma grande quantidade de pratos. Depois de um momento de resistência, aceitou. «Isto fez-me compreender que o Ideal não era tanto um conhecimento teórico da fé, nem mesmo do cristianismo, mas sim amor concreto». Numa intensa vida gen, descobriu a sua vocação ao focolar e tornou-se ponto de referência na construção da Obra, tanto no Nordeste como no Norte do País. Durante vários anos desenvolveu, com dedicação, a função de conselheiro no Centro dos focolarinos, dando um exemplo de honestidade e de fidelidade incondicionais a Chiara e ao carisma. Com generosidade e tenacidade, fez nascer muita gente para o Ideal, ocupando-se da formação de focolarinos e de gen. Foi para todos um amigo, um irmão, um pai. Tinha um grande respeito pelas pessoas simples e um elevado sentido da dignidade humana.



Em 2005, com o diagnóstico da doença de Parkinson, iniciou uma grande e decisiva escalada para a santidade. Em junho de 2007, escreveu a Chiara: «Este período foi uma graça especial para uma unidade muito viva contigo, com os focolarinos e as focolarinas e também para tudo quanto, amando Jesus Abandonado, Ele pode esculpir na minha alma». O Jorge transformou o sofrimento em amor: «Devo acreditar, com mais convicção - escreveu no seu diário - que, na economia divina, faz mais uma pessoa inativa na Vontade de Deus, do que a pessoa superativa fora dela». «Acordo de noite, com dificuldade em voltar a adormecer. Hoje a novidade é: consegui transformar estas horas em oração, unindo-me ao sacrifício de Jesus na cruz». E ainda: Queria pedir, não a saúde, mas que eu possa viver com plenitude a vontade de Deus. Mas uma e outra, para o bem da Obra, não para mim». Não encontro uma posição cómoda, os movimentos estão um pouco bloqueados... tenho diante dos olhos um Crucifixo e

nasce um diálogo com Ele: "mas Tu nem sequer podes mudar de posição; estás fixo, crucificado".

O Esposo não me abandona, não me dá tréguas. «Quem gera morrendo, morre vivendo. O amor é a Vida. Quem ama não morre». Foi isto que o Jorge testemunhou até aos últimos dias, dando sempre tudo de si, para a realização do «*Ut omnes*». Como acontecia muitas vezes, também no dia 3 de abril, estavam consigo os seus dois irmãos: o Saad, focolarino e o Eduardo com a sua mulher, ambos voluntários. Ao mesmo tempo que o Saad lhe beijava a testa, o Jorge partiu para o Céu com muita paz, aos 70 anos de idade.

## Eduardo (Eddi) Canuto

*«Nisto consiste o amor: caminhar segundo os seus mandamentos» (2 Jo 1,6)*

O Eddi, natural das Filipinas, cresceu com os seus quatro irmãos numa família profundamente cristã. Em 1983, o pároco convidou-o para a Mariápolis de Tagaytay e, tocado pela atmosfera que ali se respirava, pôs-se de imediato a viver de acordo com esse espírito. Descobriu nos seus limites e nos do próximo a oportunidade para pôr em ação um amor cada vez maior. Dois anos mais tarde, vivia na «caseta gen», onde fez a descoberta de Jesus Abandonado como medida máxima do amor divino. Recebeu de Chiara um nome novo: «Eddi = Essere Dio», com os votos de amar sempre com aquela responsabilidade que o Ideal ensina, para ser um gen autêntico. O Eddi sentiu que se devia dar totalmente a Deus no focolar e, quando frequentava a escola de Loppiano, escreveu a Chiara: Em Jesus Abandonado encontrei a alegria, a plenitude como os santos e os mártires. Também eu quero ser como eles». Depois da formação, esteve durante um ano no focolar, em Manila, e de 1992 a 2007, em Taipei, um período com muitos frutos. Durante 3 anos esteve no centro gen3, onde se salientou a sua tendência para o acolhimento e a sua grande capacidade de



trabalho, numa constante tensão para construir relacionamentos verdadeiros com toda a gente.

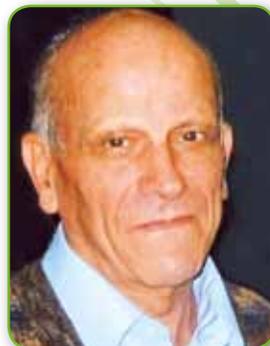
Em novembro de 2012, foi chamado para acompanhar a Escola gen2 de Loppiano, função que exerceu com dedicação e grande amor para com os jovens, na perspetiva do «*Ut omnes*». Em fevereiro de 2013, precisamente quando fazia um passeio a Veneza, com os gen da Escola, adoeceu gravemente e entrou em coma profundo. A cadeia de amor iniciada pelas comunidades de Pádua e Mestre estreitou-se, através de Loppiano, com a comunidade filipina de Florença e o Movimento no mundo. Multiplicam-se as orações e os momentos fortes, também pelas visitas, e a contínua presença da sua mãe, a Lily, e dos familiares. Precisos e atempados foram os sinais da Providência, no sentido de encontrar não só hospitais adequados, mas também médicos e enfermeiros para o tratarem com profissionalismo. Mas as suas condições de saúde não evoluíam favoravelmente. No dia 3 de maio, doçilmente, Maria veio buscá-lo, aos 58 anos, para o levar a Jesus. O Eddi ficará na lembrança como uma grande dádiva

para muita gente que o conheceu, em especial para os jovens que o consideram um protetor do próximo Genfest de 2018, nas Filipinas.

## Marcello Dorigoni

*«A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma» (At 4,32)*

Criativo e com muitos empenhos, o Marcelo consolidou a fé que lhe foi transmitida pela família, dedicando-se à Ação Católica de Trento. *Designer* muito habilidoso, tornou-se técnico coordenador da mais importante empresa de mobiliário de Bolzano, com funções de responsabilidade. Conheceu o Ideal e depois de se ter casado com a Giovanna, tornou-se um focolarino casado. Em 1965, a jovem família mudou-se para



# Godehard Schwerhoff

*Um matemático ao serviço de todos*

Homem forte, amante da vida e da natureza, o Godehard foi um grande apaixonado pela cultura. A reviravolta deu-se aos 35 anos: conheceu o Ideal da unidade e, juntamente com a Maria, a sua mulher, seguiu o caminho do focolar.



Ficou tão entusiasmado que escreveu: «Se Deus tivesse "inventado" o Movimento dos Focolares apenas para uma única pessoa sobre esta Terra... teria sido de certeza para mim».

O Godehard não guardou para si a grande dádiva que Deus lhe tinha feito. Sempre ao serviço de todos, múltiplos foram os seus atos de amor, pequenos e grandes, com os quais se doava de maneira atenta e fraterna, cheio de alegria e humorismo. Como matemático que era, ajudava nas contas do seu focolar, em Münster (Alemanha) e nas várias manifestações do Movimento, na Zona. Contudo, o Godehard não teve uma vida fácil: o seu casamento passou por muitas dificuldades e uma grande provação, que envolveu também o relacionamento com os filhos.

Loppiano, para colaborar na construção da Cidadela que começava a nascer. Naquela altura, o Marcelo escreveu a Chiara: «Hoje, pedi a Jesus Eucaristia para que me ligasse cada vez mais a ti e que me ajudasse a ser fiel a este pacto, a fim de que Jesus no meio seja sempre o nosso distintivo».

Depois de 13 anos de doação a Loppiano, a família voltou para Trento. Devido ao seu grande profissionalismo, o Marcelo encontrou facilmente um novo trabalho, onde pôs em prática a intensa experiência evangélica que tinha vivido. Confiou ainda a Chiara: «Quero caminhar contigo na estrada da santidade para dar glória a Deus e dar uma prenda a Maria». Em 1990 escreveu: «Ao entrar na Igreja e ao encontrar-me diante de Jesus Eucaristia senti-me invadir pelo Seu Amor de um modo tão forte que me prostrei por terra para O adorar. Quero abandonar-me n'Ele para não causar obstáculos ao Seu desígnio sobre mim».

A sua disponibilidade para com os outros era sem medida, delicada, humilde. Apesar de ser uma pessoa reservada, acompanhava grupos de aderentes, escrevia cartas, estabelecia contactos, enviava a Palavra de Vida a familiares e amigos, oferecendo sobretudo experiências do Evangelho vivido. Dedicava-se, com assiduidade, a dar a conhecer a revista Città Nuova e a fazer assinaturas a pessoas conhecidas e vizinhos de casa. Em 2006, comunicou a Chiara: «Obrigado por nos ajudares a perceber o grande valor da Cruz, a única guia, especialmente nos momentos de escuridão total». E foi por causa desta nova compreensão da cruz, como caminho para o Ressuscitado, que o Marcelo conseguiu ser uma dádiva, também na longa doença que o levou, no dia 25 de março, com 87 anos, para a Mariápolis celeste.

Há cerca de dois anos surgiu a doença. Começou assim o tempo das terapias com vários efeitos colaterais e uma nova radicalização em Jesus Abandonado. Viveu o sofrimento da separação e da longa doença com muita dignidade, na contínua tentativa de reconciliação com a mulher. Acompanhado com muito cuidado pelos focolares de Münster, com muita alegria verificou-se o restabelecimento da relação com uma das filhas. E, com grande confiança em Deus-Amor, no dia 23 de março, com 68 anos de idade, foi ao encontro do Esposo. No seu funeral, estavam presentes a mulher e todos os filhos e muita gente que partilhou com ele os últimos anos, profundamente tocados pela forma como soube orientar, para Deus, a sua vida.

## José Antonio (Jon) Ortega Restoy

*«Nas tuas mãos entrego o meu espírito»  
(Lc 23,46)*

O José Antonio, natural de Sevilha, conheceu o Ideal com dezasseis anos e logo, quando dava os primeiros passos como gen, se percebia a radicalidade com que definiu a sua vida: «Quero ser um outro Jesus Abandonado na Terra, quero estar sempre crucificado com Ele, acredito que um gen deve ser um outro Jesus na cruz, aquela cruz



na qual está suspenso o Esposo, e é tão forte que a minha alma "arde"; não é um sentimento, nem mesmo algo abstrato, é tão real que a alma, no seu grito, corre ao seu encontro, porque é o Esposo que a chama e não tem mais nada, só Ele, na cruz», escreveu a Chiara, que

lhe deu um nome novo: Jon (José Novo do Amor Abandonado).

Em 1983, manifestou-se uma doença crónica que o impedia de ir para o focolar: «Esta notícia - escreveu a Chiara - foi fazer festa a Jesus Abandonado com alegria, de imediato e sem fazer análises. Vieram-me à ideia as tuas palavras: "Se tu não me amares, quem me amarã?" e senti uma paz que nunca tinha experimentado. Jesus Abandonado

como vontade de Deus, esta é a minha vocação, este é o meu focolar». Seguiram-se anos em que, com todo o coração, se dedicou ao ramo dos voluntários. Foram muitos os desafios «por causa da saúde: diálise, transplante renal, muitas incertezas.

Nos anos 90' o amor de Deus fez com que encontrasse de novo Mari Pepa, que tinha conhecido quando era jovem. Decidiram casar-se e, alguns anos depois, o José Antonio tornou-se focolarino casado. Nesta altura escreveu: Para além daquilo que sou, confio-me a Deus que me chama a esta experiência de Jesus no meio, tendo presente a única escolha: Jesus Abandonado». Seguiram-se ainda diversas intervenções cirúrgicas relacionadas com o transplante, que foram vividas sempre no oferecimento contínuo de si mesmo. No dia 6 de abril, aos 64 anos de idade, partiu para a Mariápolis Celeste, rodeado pela mulher, pela irmã, e por alguns amigos e focolarinos do seu focolar.

## Gaetano Rossitto

*«Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13)*

O Gaetano era um dos «popetti» que o Eletto Folonari acompanhou nas primeiras Mariápolis. Chiara tinha-lhe dado um nome novo: Agnus. Encontrámo-lo, por isso - estudante de medicina - entre os primeiros gen, juntamente com o irmão Mimmo, com quem tinha uma grande ligação, que se estendeu depois à cunhada Lori e ao sobrinho Daniele, que nos contam: «o Gaetano era simultaneamente forte e sereno, sempre à procura do que pudesse unir o nosso grupo de rapazinhos agitados»... «Devido à sua discrição, nem sequer se dava por ele, ou então via-se nele uma profunda e silenciosa união com Deus».

Em 1970, o Gaetano escreveu a Chiara: «Durante o congresso gen do ano passado tive a graça de falar contigo. Naquele nosso encontro (recordas-te?) ajudaste-me a resolver-me. De facto, a minha moral estava em baixo, porque todas as minhas propostas e ideias eram recusadas e tu disseste-me que, se estivessem certas, elas mais cedo ou mais tarde resultariam: o importante, então, era



perdê-las! Naquele dia encontrei a resposta a muitos dos meus porquês». E Chiara mandou-lhe, de presente, o livro: *Saber Perder* com uma dedicatória sua. Em 1976, escreveu-lhe de novo: «Namoro há cinco anos com uma gen, a Carla: a nossa relação foi sempre alicerçada na luz do Ideal. Percebemos, ambos, a nossa estrada: a do focolarino casado [...]. Estamos completamente à disposição da Obra».

O Gaetano trabalhava em várias cidades como anestesista e reanimador. Em toda a parte sobressaía a sua disponibilidade para escutar e a sua atenção, não só aos aspectos técnicos, mas também ao doente, como próximo para amar. Um deles testemunhou: «Fui seu doente, mesmo se o verdadeiro "doente" era ele, que esteve sempre perto de mim, apesar do trabalho que tinha para fazer». Entretanto, a família aumentou com os filhos Luca e Francesca. O Gaetano era um pai amoroso e vigilante, que sabia acolher, como filhos, também a nora e o namorado da Francesca. Como família-focolar, com a Carla, acompanham vários grupos de Famílias Novas.

# Agostino Messineo

*O «algo mais» do amor a  
Jesus Abandonado*



Nascido na Tunísia, devido ao trabalho do pai, o Agostino andava sempre a mudar-se de uma cidade para outra: Túnis, Palermo, Nápoles, Roma, Trípoli... «De Deus - escreveu - nunca se falava na minha família. Quando nos mudámos para Nápoles, por influência positiva de um amigo, frequentei o local de oração dos salesianos, conseguindo assim fazer uma ideia da Igreja e da religião».

Em Roma, matriculou-se em jurisprudência, mas interrompeu os estudos por causa da guerra, pois foi chamado para o exército. Capturado pelos americanos, foi levado para a Argélia, onde passou dois anos e meio na prisão, período que o Agostino recordava como um dos mais belos da sua vida: «Noites passadas a céu aberto, mas as dificuldades não eram um peso; vivia no meu mundo, tendo Deus como centro, tornei-me o consolador dos meus companheiros e dava um grande trabalho aos dois padres do acampamento, porque Ihes mandava muitos para se confessarem». Terminada a guerra, retomou o contacto com a Margherita, que se tornou a sua esposa.

Quando estava a atravessar um período de escuridão («externamente continuava a parecer um cristão dedicado, mas internamente não tinha paz», escreveu nas suas memórias), foi convidado

Em 2016, surgiu uma doença grave. O Gaetano enfrentou-a com uma profunda serenidade. E também quando o sofrimento se tornou maior, aceitou-o como seu, sem se deixar vencer, edificando todos com a dignidade e a consciência de poder viver, embora no drama da doença, pela mulher e pelos filhos e, assim, dar o seu contributo à construção da Obra. No dia 8 de abril, aos 65 anos, chegou à Casa do Pai. No seu funeral, uma muito viva gratidão a Deus foi expressa a muitas vozes, por um grande homem e um profissional muito estimado, com uma vida completamente dada a Deus e aos outros.

para um encontro dos Focolares, em Viterbo.

Ouvindo a Ginetta Calliari, uma das primeiras focolarinas, experimentou algo que curou todas as tensões acumuladas, como se os sofrimentos o tivessem preparado para aquele momento. «Durante três meses - prosseguia o Agostino - em contacto com os focolarinos, procurei perceber o segredo da sua alegria, da sua fé simples em comparação com a minha tão problemática e, quando descobri o "algo mais" do amor a Jesus Abandonado, foi como ter encontrado a chave para sair dos problemas que me atormentavam, a mim e à Margherita». Juntos, trabalharam pela comunhão de bens para apoiar o Movimento em Roma e todos os que tinham dificuldades. Ambos sentiram a vocação de focolarinos casados e, durante décadas, dedicaram-se a formar e difundir o Movimento Famílias Novas. Com muita alegria receberam e apoiaram a operação Roma-Amor, lançada por Chiara. «Nela - escreveu o Agostino - vejo o fim da peregrinação no deserto do povo romano... parece-me vislumbrar a terra prometida: uma Roma cristã...»

Passou os últimos anos num lar de idosos, juntamente com a Margherita, que partiu para o Céu em 2014, e uma outra família-focolar de Roma, com a proximidade das filhas Chiara e Agnese. Sempre no sobrenatural e na fidelidade a Jesus Abandonado, o Agostino partiu serenamente para a Mariápolis Celeste, no dia 17 de abril, com 96 anos de idade.

## Dulce Amorim

*Das primeiras focolarinas  
casadas de Recife (Brasil)*



De uma família rica, a Dulce era a mais velha de 10 irmãos. Através da irmã mais nova, a Tinha - neste momento a viver no focolar, na Mariápolis Romana - aos 36 anos, conheceu o Movimento. «Tinha um temperamento forte, autoritário, independente - contava ela - e logo no primeiro contacto senti que alguma coisa estava a mudar dentro de mim. Foi-me entregue uma folhinha com a frase: "Ama

o teu inimigo". Pensei que não era para mim, porque tinha muitos inimigos. Era responsável pelo pessoal de um grande armazém, com mais de 30 empregados. Sentia uma grande antipatia por um deles. Ao pagar os salários, quando chegava a vez dele, atirava o envelope com o dinheiro para cima da sua secretária. E agora? Jesus estava naquele colega. Aproxime-me e, diante de todos, pedi-lhe desculpa. Foi uma das maiores alegrias da minha vida». «Comecei a amar o meu marido de um modo novo - continuava - e, pouco a pouco, tudo se transformou. O nosso relacionamento mudou, tinha Deus como base». E ainda: «Tinha a mania de julgar as pessoas. Um dia houve alguém que me disse: "Se puseres óculos verdes, vêς tudo verde; se puseres óculos azuis, vêς tudo azul. Põe os óculos de Jesus e verás que tudo será maravilhoso". Assim, procurei constantemente colocar os óculos de Jesus».

A Dulce queria reformar-se para poder trabalhar para a Obra, mas o seu marido ficou cego e tinha de o ajudar, sem sequer poder sair de casa. Abraçando este sofrimento, teve um pensamento: «Deus não precisa do meu ativismo, precisa do meu coração. Sabes ler, escrever, tens telefone. Usa os meios de que dispões». O seu número de telefone, era antes de uma clínica onde se pratica o aborto. Atendendo muitas mães que telefonavam por engano, conseguiu ajudar a salvar vidas de muitas crianças. Durante anos fez a contabilidade da Obra, no Nordeste, e, quando foi criada a Economia de Comunhão, fez uma nova revisão dos seus bens e colocou em comum um terreno. Era uma entusiasta apoiante de Cidade Nova, com muitíssimas assinaturas. A sua fé inabalável, ligada a uma alegria contagiosa, conduziu muita gente ao Ideal.

Com o avançar da idade, a Dulce tornou-se mais frágil, mas o seu espírito permaneceu jovem. Aos 90 anos, teve de enfrentar um longo período de tratamentos de quimioterapia e radioterapia: apesar do sofrimento, estava sempre atenta aos outros. Com 92 anos, acompanhava ainda a vida da Obra, da família e das muitas pessoas que a rodeavam. Rezava por todos e irradiava segurança, fé e muito amor. Ficava muito grata por cada coisa que recebia, mesmo que fosse pequenina. Com ela era sempre festa, alegria, vida. Chegou ao Paraíso com 94 anos, precisamente no domingo de Páscoa, dia 16 de abril.

## Rodolfo (Rudy) Dealo

«*Nós anunciamos Cristo crucificado*» (1Cor 1,23)



O Rudy, primeiro focolarino das Filipinas, conheceu o Movimento por ter perdido um autocarro, episódio que podia parecer um azar, mas que deu um rumo diferente à sua vida. Dispôs-se a esperar o autocarro seguinte e encontrou uma pessoa que o convidou para um encontro dos Focolares, que se realizava no dia seguinte. «Naquele dia - dizia feliz - compreendi realmente o verdadeiro significado do cristianismo». Maravilhado, o Rudy fez a experiência de Deus Amor e intuiu logo o desígnio de Deus sobre ele. «Sinto - escreveu a Chiara - que Deus me chama a tornar-me santo, o mais brevemente possível, com os focolarinos. Cada momento, cada pessoa, cada circunstância que se apresenta é Deus que quer o meu "sim", o meu amor total».

Depois de Loppiano, à espera de partir para Boston, esteve no focolar de Milão. «Este último período - confiava a Chiara - fez-me compreender cada vez mais quem é Jesus Abandonado. Como Ele, quero apresentar-me diante de Deus como uma oferta, de bom grado. Quero ser pequeno e nada e, com amor, fazê-Lo reviver em mim. Não penso naquilo que sou, mas Deus chamou-me a viver assim e a Deus tudo é possível». Comprometendo-se a pôr em prática este propósito durante toda a vida, o Rudy atraiu inúmeras pessoas a Deus, vendo florescer ao seu redor muitas vocações à Obra e ao focolar: nos Estados Unidos, assim como em Hong Kong, na Tailândia, em Singapura, no Paquistão e nas Filipinas.

A doença chegou de repente. Quando lhe comunicaram os resultados dos exames disse: «Que bom!». «O que é bom?», perguntaram-lhe. E o Rudy: «Jesus! Ele gosta mesmo de mim! Mandou-me uma boa surpresa!». No dia 19 de abril, dois dias antes do seu septuagésimo aniversário, rodeado pelo seu focolar, preparou-se serenamente para o encontro com Ele. Alguns dias antes, tinha feito uma vídeo-mensagem para a Emmaus. «A alegria que li no seu olhar - comentou a Presidente - confirmou-me a sua profunda união com Jesus Abandonado, amadurecida com o decorrer do tempo. Em 1971, escreveu a Chiara: "O meu passaporte para

# Antonia (Toni) Tigges

*Ajudou, como protagonista, a comunidade a nascer*

A Toni – como todos a chamavam - era natural de Nordrhein-Westfalia (Alemanha). Com a morte do pai, foi obrigada a interromper os estudos para sustentar a família. Aos 28 anos, casou-se com o Clemens, que tinha voltado da guerra, depois de ter estado durante cinco anos preso na Rússia. Juntos, tinham uma loja de artigos domésticos, que veio a tornar-se num centro especializado de mobiliário para cozinhas. Nasceram cinco filhos: quatro raparigas (entre as quais Julia, focolarina e Ulrike, focolarina casada) e um rapaz.

Em 1968, numa Mariápolis na Áustria, a Toni e o Clemens conheceram os Focolares e, como autênticos protagonistas, colaboraram no nascimento da comunidade na sua cidade. Primeiro ele, e alguns anos depois ela, tornaram-se voluntários de Deus. Era uma família alegre, dinâmica, onde se podia até discutir, mas a paz voltava muito depressa, tornando tudo mais luminoso. Especialmente quando rezavam todos juntos e a mãe Toni abria a sua alma. A Julia recorda a profunda relação com Deus que a mãe experimentava naqueles momentos, a sua caminhada para aceitar todos os dias a vontade de Deus e torná-la sua. A vida da Toni, de facto, apesar de muitos momentos maravilhosos, foi marcada por sofrimentos profundos, até na família, também na assistência, durante 10 anos, com muito empenho e dedicação, ao marido que ficou paraplégico, numa cadeira de rodas.

Formada em contabilidade, ofereceu-se para gerir as contas do condomínio de todos os inquilinos. Com a mesma dedicação, fez a recuperação de uma intervenção cirúrgica delicada, continuou a fazer a natação semanal de que tanto gostava e as atividades com os amigos. Embora fosse enfraquecendo cada vez mais, fazia telefonemas a quem vivia sozinho ou ia fazer-lhes uma visita. Mantinha contactos também através do seu tablet: com o núcleo, com a irmã, com os filhos e os netos, com os vários grupos de que fazia parte na Obra e na paróquia. Interessava-se por tudo, alegrando-se com quem ri e chorando com quem sofre. Uma

entrar no Paraíso será o amor pela cruz, que vivi e testemunhei diante dos homens". Acreditamos que tenha entrado no Paraíso com este passaporte, acompanhado de Maria, a quem tanto amava».

semana antes da partida para o Céu, ao redor da sua cama realizou-se um animado encontro de núcleo. A Toni participou com muito interesse e interveio muitas vezes dizendo: Que maravilha! Sim é isto... Jesus Abandonado». No dia 25 de janeiro, com 87 anos de idade, morreu serenamente, rodeada pela família.

*Erika Jostameling e Gisela Kirchhoff*



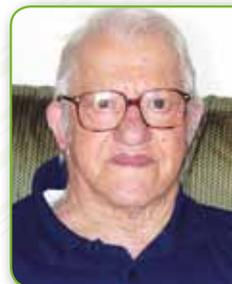
# Giovanni Fantino

*Uma vida toda de Evangelho*

Voluntário de Feltre (Itália), na sua primeira Mariápolis (1966), o Giovanni ficou conquistado pela proposta de viver concretamente o Evangelho. Operário metalúrgico, começou a amar os companheiros de trabalho, procurando compreendê-los e não os julgar, quando difamavam ou blasfemavam contra a Igreja. Pouco a pouco viam-se os frutos: os operários ajudavam-se entre si, mantendo um comportamento correto e respeitoso da sua escolha de vida, que o levava a ir à Missa todos os dias. Casado e pai de cinco filhos, para além da família e com quem se cruzava no seu dia-a-dia, procurava viver o Evangelho visitando os doentes nos hospitais e os idosos nos lares. Colocava a sua casa à disposição para os encontros de núcleo.

Durante anos soube enfrentar, com simplicidade e fé, as não poucas dificuldades e provações da vida, vendo nelas a vontade de Deus. Nos últimos três anos, para além de um lento e contínuo declínio físico, sofreu a perda da mulher e depois de um filho. Viveu tudo isto no amor a Jesus Abandonado, continuando a ir à Missa, sozinho, todas as manhãs, de carro, apoiando-se em duas canadianas. No final de agosto, o Giovanni foi internado no hospital e, no dia 25 de novembro de 2016, partiu serenamente para o Céu, com 92 anos de idade, deixando um grande exemplo de cristão autêntico.

*Por Pino Tasca, do centro dos voluntários*





## Maria Pompea Vicedomini

«Quero "colocar" o Ressuscitado em todos os lugares»

Pertencente a uma família da Puglia (Itália), a Maria Pompea nasceu no Canadá, em 1962. Completou os estudos de Medicina em Florença, onde conheceu a espiritualidade da unidade e se tornou uma gen. Depois de ter encontrado trabalho e inserindo-se no ramo das voluntárias, continuou a trabalhar com generosidade e disponibilidade também em vários encargos na Obra e na sociedade. Com o passar do tempo, assumiu cargos de relevância na secretaria do sindicato dos médicos e foi uma referência para o mundo da saúde de Humanidade Nova.

Dotada de um temperamento forte, a Maria Pompea viveu uma existência modesta, cheia de sacrifícios, através dos quais atingiu os seus objetivos. «Deus ama-me - escreveu -, escolheu-me e quer apenas que eu o escolha Abandonado». E foi mesmo este amor exclusivo a Ele e a Maria que a fez sempre dizer com alegria o seu «sim», sem nunca perder a coragem. Escreveu a Chiara: «Quero ser instrumento de unidade para "colocar" o Ressuscitado em todos os lugares por onde passo. Quero perder-me em Jesus Abandonado, anular-me, para que o Seu amor me possa preencher totalmente e possa chegar a muita gente que não o conhece». A sua casa estava sempre aberta para os encontros e para receber pessoas. Quando, há cinco anos, a doença surgiu, seguiu escrupulosamente as indicações dos colegas, colocando-se a amá-los como «doente». A saúde parecia regressar e conseguiu retomar o trabalho e as atividades normais da Obra. Mas há alguns meses, a doença voltou a aparecer com muita gravidade. A Maria Pompea concentrou-se em viver o momento presente e, sem nunca se lamentar, forte, serena, renovou o seu «sim» a Jesus Abandonado. Com a alma "de pé", n'Ele, amparada pelas voluntárias que a acompanharam, fez a sua "subida" final. No dia 23 de agosto de 2016, com 54 anos de idade, partiu para o Céu.

Gabriella Petrini Vannucci

## Maria Luisa Capponi

«É assim que a vou atrair a mim, vou conduzi-la ao deserto, para lhe falar ao coração» (Os 2,16)



Filha de empresários têxteis de Bergamo, a Luísa fez uma primeira licenciatura em Pedagogia, depois uma em Filosofia Moral e ainda uma outra em Psicologia. À profissão de psicoterapeuta acrescentou várias atividades de voluntariado, entre as quais peregrinações UNITALSI a Lourdes e o Centro de escuta ACLI. Tinha 27 anos, quando um maqueiro a convidou para uma Mariápolis, onde descobriu uma nova perspectiva de vida. Sentiu logo a vocação de voluntária, orientando a sua formação para Humanidade Nova, tendo-se tornado responsável de Humanidade Nova na Zona. À intuição de Chiara sobre as inundações respondeu com prontidão, oferecendo o seu contributo para a área da Psicologia. Foi uma das primeiras voluntárias a fazer parte dos «externos» da escola Abbà. Estava sempre na primeira fila em todas as manifestações da Obra, punha ao dispor as suas competências profissionais e a profunda capacidade de "fazer-se um". Interpelada muitas vezes pelos vários rostos de Jesus Abandonado presentes nas famílias, ela estava sempre pronta, dia e noite!

Com o lançamento da Economia de Comunhão, a Luisa - que era administradora na empresa da família - aderiu com entusiasmo, participando, quer como empresa, quer na comissão de EdC da Zona, estabelecendo relações de serviço e partilha de experiências entre as empresas.

Com a crise económica, a empresa entrou em dificuldades e algum tempo depois fechou. Alguns meses mais tarde, a poucas semanas de intervalo um do outro, morreram os pais. Em pouco tempo, a Luisa viu desmoronarem-se todas as seguranças económicas e afetivas, pouco a pouco, despojada de tudo, até da autonomia pessoal. O Esposo tornou-a cada vez mais semelhante a Si e, em janeiro de 2014, tornou-se necessário o seu internamento numa casa adequada. Com uma letra muito insegura, a Luisa conseguiu escrever: «Viver é como esculpir: é preciso remover!».

No dia 18 de julho de 2016, depois de um agravamento da saúde, Jesus chamou-a a Si, aos 68 anos de

# Erna Lyttle Golden

*Pontes entre ricos e pobres*

Voluntária da região de Manila (Filipinas), a Erna conheceu a espiritualidade da unidade e ficou logo muito tocada. Com muita generosidade abria as portas da sua casa, que se tornou lugar de construção da unidade dos vários grupos do Movimento. Sempre pronta a amar Jesus no próximo, foi das primeiras pessoas a dedicar-se com empenho no centro social «Bukas Palad» de Manila, oferecendo tempo, talentos e recursos. Tornou-se uma ótima promotora de solidariedade junto dos seus amigos, parentes e associados, e, graças à sua honestidade, muitos deles aderiram com generosidade. Quando foi construída a Cidadela Pace, em Tagaytay, a Erna foi para lá fazer trabalhos manuais: fazia impressão ver uma senhora elegante tornar-se tão humilde e fazer o que quer que fosse por Deus.

A sua elevada posição social - era uma das dirigentes do Centro Comercial GreenHills - permitia-lhe valer-se de mil maneiras para levar Deus ao mundo. Em unidade com outra voluntária e envolvendo também outros dirigentes, conseguiu que se celebrasse diariamente a Missa no interior do Centro Comercial, com microfone e cadeiras improvisadas. Pouco a pouco os participantes aumentaram, a ponto de os proprietários do Centro Comercial

idade, acompanhada pelas orações de toda a família da Obra.

Só agora se encontrou uma folhinha com um pensamento de Chiara que a Luisa tinha guardado: «Eu estou aqui, sou um zero. Mas sei que tu escolhes precisamente os instrumentos menos adequados para fazer as coisas grandes. Santa Catarina disse: "Não vos contenteis com as coisas pequenas, Deus quere-as grandes!" Faz com que todos os dias eu cumpra o desígnio de Deus sobre mim. Abre-me todos os dias um caminho, para que aí, no lugar onde tu me colocaste, o "Ut omnes" se realize em breve!»

O funeral foi uma celebração unânime da gratidão, de sacerdotes e leigos, focolarinos e voluntários, muçulmanos e pessoas sem credo religioso, jovens e idosos, estreitados pelo amor que a Luisa tinha tido por eles: um pedacinho daquele mundo unido pelo qual tinha vivido.

*Letizia Mombelli Pasquali*



decidirem construir uma capela permanente, rodeada por um jardim paisagístico, e com lotação para 300 pessoas. Não contente com este resultado, a Erna pensou que devia fazer algo semelhante para os muçulmanos. Com o seu amor, a sua oração e a sua coragem, conseguiu convencer os proprietários a conceder um espaço apropriado também para a oração islâmica: nasceu, assim, um maravilhoso local de culto, dotado de serviços para as abluções, muitas vezes frequentado também por pessoas célebres e convidados muçulmanos.

Fazendo de ponte entre ricos e pobres, a Erna convenceu os proprietários de que era necessário organizar iniciativas para os funcionários, através de seminários de formação sobre os valores e sobre a arte de amar. Graças a estes cursos, eles tornaram-se cada vez mais conscientes das suas responsabilidades, estabelecendo relacionamentos harmoniosos entre eles e com toda a gente.

No dia 28 de abril, aos 86 anos de idade, a Erna deixou esta Terra para se encontrar definitivamente com Jesus, na certeza de que Ele, sabendo bem quanto ela se tinha esforçado por Ele no próximo, ao recebê-la, lhe confirmou: «Foi a mim que o fizeste».

*M. Corazon Guzman*

## Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Elena**, a mãe de **Zora Kuchàrska**, focolarina em Praga; **Jacqueline**, mãe de **Robert Chadourne**, focolarino na Mariápolis Romana; **Giovanni (voluntário)**, pai de **Tarcisio Arzuffi**, focolarino em Montet; **Carolina**, mãe de **Lidia Bontempo**, focolarina no Lazio Nord (Itália); **Angela**, irmã de **Fiorita Cheng**; **Dulce Amorim**, irmã de **Tininha Cavalcanti**; **Pedro**, irmão de **Isa Domingos**; **Pina**, irmã de **Elody Pedrelli** e **Paul**, irmão de **Eliane (Adeja) Girerd**, focolarinas na Mariápolis Romana; **Antun**, pai, e **Ana**, mãe de **Katica (Fiamma) Marić**, focolarina na cidadela Farol (Croácia); **Alice**, mãe de **Maryse Grorod**, focolarina em Saint-Pierre-de-Chartreuse (França); **István**, pai de **Ferenc (Feri) Farkas**, focolarino em Budapeste; **Marita (Maria Amanda)**, mãe de **Joy (Gioia) Alejandrino**, focolarina na Mariápolis Paz; **Carla**, irmã de **Pina Azzolina**, focolarina em Roma; **Donald**, pai de **Katia Quintero**, focolarina em Tucumán (Argentina).

## MARIÁPOLIS NOTICIÁRIO INTERNO DO MOVIMENTOS DOS FOCOLARES

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Maio e junho de 2017 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

# O Santo António em Lisboa

Já há alguns anos que a comunidade de Lisboa tem vindo a tirar partido das festas populares de Santo António para promover uma ação em favor das muitas necessidades que vão surgindo – desde a ajuda à Síria, ao Líbano, e outros países em guerra ou vítimas de catástrofes, sem esquecer a construção e desenvolvimento da Cidadela Arco-Íris, como baluarte da Paz e da unidade.

Mais uma vez a banca “Pata-Niska”, junto ao elevador da Bica, foi um ponto de convergência de grandes esforços, generosidade e trabalho, mas irradiou muita alegria e paz nos muitos que por lá passaram. Havia febras, pão com chouriço, doces, bolinhos, refrescos e... pataniscas!

A impressão de uma das participantes ilustra bem esta experiência:

«Quero agradecer a experiência que vivi ontem. Senti que construir um mundo fraterno, em



que pudéssemos conviver e dar aos outros a verdadeira alegria, era possível.

Em tudo quanto fazíamos desde os mais pequeninos aos mais crescidos era feito com amor. Senti que havia Jesus no meio e que Ele estava presente.

Quando me fui embora subi a rua da Bica e parecia que estava noutra realidade. Pessoas aglomeradas, uma falta de espaço sufocante... era quase impossível romper pelo meio de tanta gente...

Talvez fosse pela confluência de ruas que desfogavam mais o espaço, talvez porque estava tudo muito bem organizado, talvez, talvez... Então percebi o quanto havia de Divino na nossa banca de Santo António, pois a atmosfera que se vivia ao pé de nós era outra, havia harmonia, alegria e muito Amor.

Sim Jesus estava ali. Obrigada a todos.»

